

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas
Cosme Braz dos Santos Filho

OS SABERES DOS PATAXÓ DE BARRA VELHA SOBRE O MAR

Belo Horizonte

Maio de 2019

Cosme Braz dos Santos Filho

OS SABERES DOS PATAXÓ DE BARRA VELHA SOBRE O MAR

Trabalho de conclusão de Curso apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção ao título de licenciado em Formação Intercultural para Educadores Indígenas - FIEI – Habilitação Ciências da Vida e da Natureza.

Orientador: Professor Dr. Carlo Sandro Campos (FaE-UFMG)

Coorientadora: Luz Alba Ballen

Belo Horizonte

Maio de 2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Tupã, o pai protetor e criador, pela sabedoria e a força que me deu para concluir este trabalho. Aos seres protetores do mar, que eu sinto me fortaleceram espiritualmente, me dando esperança e apontando os caminhos a serem trilhados. Aos pescadores anciãos e anciãs Pataxó, que deixaram o seu legado e continuam escrevendo a história da pesca para não deixa-la adormecer. À minha família, ao meu pai, à minha mãe, aos meus irmãos, aos amigos e aos meus filhos, Acauã Ferreira Braz e Inauá Ferreira Braz, que me deram inspiração para vencer esta batalha. À minha esposa, Damiana Ferreira dos Santos, que foi quem sempre esteve ao meu lado, compartilhando os momentos bons e os momentos difíceis.

Às nossas lideranças, que são frutos de lutas de resistência, que vêm, numa jornada incansável para defender os nossos direitos indígenas. E, especialmente, aos meus entrevistados, Humberto Júnior Braz dos Santos, Everaldo Braz dos Santos e José Sales Braz dos Santos, que, com as suas experiências, contribuíram para que eu pudesse realizar meu trabalho de conclusão de curso.

A todos os professores do FIEI - Turma CNV 2015/2019: Juarez, Marina, Célio, Bortolus, Lucinha, Kátia Pedrozo, Pedro Rocha, Charles Cunha, Maria Gorete, Shirley Miranda e outros que também que ficaram na memória. A todos os bolsistas, que nunca mediram esforços para nos ajudar, em todos os momentos que precisamos, em especial, à Luz Alba e ao meu orientador, Carlo Sandro, pessoa que eu adorei conhecer e que sempre será lembrado na minha história. Por fim, aos meus colegas de curso, Guarani, Pataxó, Pataxó Hã-hã-hãe e Xacriabá.

RESUMO

Este trabalho tem como foco os saberes sobre o mar. O objetivo foi descrever e comentar aspectos da pesca tradicional do povo Pataxó da Aldeia Barra Velha de modo a evidenciar diferentes saberes relacionados ao mar, inerentes à atividade pesqueira tradicional Pataxó. A descrição realizada foi feita por meio de entrevistas semiestruturadas com pescadores da aldeia. Tais entrevistas são comentadas pelo autor ao longo do trabalho a partir da própria experiência como pescador. Os diferentes saberes abordados relacionados ao mar foram divididos em dez categorias temáticas que permitiram elaborar um vocabulário que se relaciona aos conhecimentos abordados nessas categorias, como artefatos de pesca, espécies fitozoológicas, fenômenos físicos e visão cosmológica dos pescadores. O trabalho explicita a estreita relação entre os pescadores e o mar e a importância econômica e cultural da atividade pesqueira para algumas famílias Pataxó, valorizando a profissão que hoje tem baixa visibilidade para os mais jovens.

PALAVRAS CHAVES: Saberes do mar; pesca; pescadores Pataxó, RESEX - Reserva Extrativista Marinha do Corumbau

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. OBJETIVOS.....	2
1.1 OBJETIVOS GERAIS.....	2
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	2
2. JUSTIFICATIVA.....	2
3. METODOLOGIA.....	3
4. O POVO PATAXÓ E A ALDEIA BARRA VELHA.....	5
5. SABERES DO MAR.....	8
5.1 A PESCA E O POVO PATAXÓ.....	8
5.2 A PESCA E O COMÉRCIO.....	10
5.3 A PROFISSÃO DE PESCADOR.....	12
5.4 TIPOS DE PESCA.....	22
5.4.1 PESCA COM REDE DE EMALHE DE FUNDO.....	23
5.4.2 PESCA NAS PEDRAS.....	25
5.4.3 PESCA DE POLVO.....	27
6. EMBARCAÇÕES DE PESCA.....	29
7. FAUNA E FLORA MARINHAS RELACIONADAS À PESCA.....	32
7.1 A PESCA COM MAUÍ.....	34
8. ARTEFATOS DE PESCA.....	35
9. PESQUEIROS E PONTOS DE REFERÊNCIA.....	41
10. LEITURA DA NATUREZA E A PESCA (ASPECTOS RELACIONADOS AO MAR E AO TEMPO).....	47
11. O MAR NÃO TEM CABELO PARA SEGURAR! A HISTÓRIA DE HUMBERTO JÚNIOR BRAZ DOS SANTOS (WIRAPURÚ PATAXÓ).....	53
12. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
13. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65
14. VOCABULÁRIO DO MAR.....	66

INTRODUÇÃO

Sou Cosme Braz dos Santos Filho, nasci em 27 de setembro de 1984 na Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha município de Porto Seguro-BA, onde resido até hoje. Sou de uma família humilde, porém batalhadora, apegado aos exemplos de meus pais e professores, segui em frente e decidido a ser um profissional da educação. Além de me profissionalizar na educação, eu também exerço a função de pescador, que é uma atividade que aprendi desde criança com os pescadores mais experientes da aldeia. O interesse em ser pescador é fruto de uma paixão que tenho desde sempre pela atividade e cultura pesqueira, porque é do mar que eu aprendo vários conhecimentos e é de onde eu tiro o sustento da minha família. A pesca marítima carrega forte tradição familiar na comunidade e desempenha um papel importante na ocupação de mão de obra, sendo direcionada tanto ao consumo interno quanto externo.

Neste trabalho, procurei apresentar um panorama da atividade pesqueira exercida pelos Pataxó da aldeia de Barra Velha no sul da Bahia. O objetivo foi descrever aspectos da pesca tradicional do povo Pataxó, de modo a levantar diferentes saberes, relacionados ao mar e inerentes à atividade pesqueira tradicional Pataxó. Ainda com este objetivo, o trabalho apresenta vocabulário relacionado aos saberes do mar de modo a valorizar o léxico e os saberes relacionados à pesca.

1. OBJETIVOS

1.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo desta pesquisa foi descrever aspectos da pesca tradicional do povo Pataxó de Barra Velha, na Bahia, de modo a levantar diferentes saberes relacionados ao mar inerentes à atividade pesqueira tradicional Pataxó.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Categorizar aspectos da atividade pesqueira Pataxó;
- Elaborar vocabulário de termos relacionados aos saberes do mar;
- Dar visibilidade aos saberes do mar que são transmitidos de geração em geração pelas famílias de pescadores da aldeia de Barra Velha.

2. JUSTIFICATIVA

O mar tem um grande valor para o povo Pataxó, não só por garantir a sobrevivência, mas pelas histórias e tradições que guardam na memória viva de meu povo. Por isso resolvi escrever esse trabalho, registrando nele os conhecimentos e as memórias pessoais e de mestres pescadores que merecem ser conhecidas pelas novas gerações que irão continuar escrevendo essa história. A importância deste estudo jaz no desejo de resgatar os saberes tradicionais Pataxó sobre a pesca, para motivar os jovens da comunidade Pataxó a dar continuidade à prática pesqueira do nosso povo, além de valorizar a importância dessa prática para a cultura Pataxó. Pretendo contribuir e compartilhar com a minha experiência em conjunto com os saberes de outros pescadores para que sirva de referência para a comunidade.

O resultado deste trabalho poderá ultrapassar os limites acadêmicos, podendo ser referência na construção de propostas de trabalhos da comunidade e escola, levando o pescador e demais pessoas envolvidas a questionar o passado, efetivar o presente e planejar o futuro de forma consciente. Assim como todo estudo acadêmico possui seus valores, acredito que o fruto desta pesquisa é de suma importância para o meu povo Pataxó, em especial para os pescadores locais

da Aldeia Barra Velha, que por sua vez, se utilizaram de vários critérios e recursos para conhecer e manejar o ambiente marinho.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica, registros fotográficos de materiais de pesca, de embarcações e de pescados, anotações de conversas informais, participação de reuniões e entrevistas semiestruturadas gravadas em áudio com Everaldo Braz dos Santos, Humberto Júnior Braz dos Santos e José Sales Braz dos Santos, pescadores da Aldeia Barra Velha. As entrevistas foram transcritas e serão apresentadas ao longo do trabalho.

As informações obtidas nos relatos dos entrevistados foram organizadas por temas e cruzados com comentários do autor a partir da sua própria experiência como pescador da Aldeia Barra Velha. O conteúdo das entrevistas realizadas foi organizado em dez categorias, a saber:

- (1) a pesca e o povo Pataxó,
- (2) a pesca e o comércio,
- (3) a profissão de pescador,
- (4) tipos de pesca,
- (5) embarcações de pesca,
- (6) fauna e flora marinhas relacionadas à pesca,
- (7) artefatos de pesca
- (8) pesqueiros e pontos de referência,
- (9) leitura da natureza e a pesca (aspectos relacionados ao mar e ao tempo)
- (10) O mar não tem cabelo para segurar!

A categoria (2), referente a tipos de pesca, foi subdividida em três subcategorias cujos temas são já os expressos nos títulos, (i) pesca com rede de emalhe de fundo, (ii) pesca nas pedras e (iii) pesca de polvo. A categoria (6), fauna e flora relacionadas à pesca, tem também uma subcategoria (i), a pesca com mauí. Na categoria (10), o mar não tem cabelos para segurar, é

apresentada uma história contada por Humberto Júnior Braz dos Santos, meu irmão, também pescador, em que ele trata sobre os perigos do mar, ao narrar sua própria história de sobrevivência no mar em 2016.

Embora eu tenha feito a separação do conteúdo das entrevistas por categorias, este recorte foi apenas uma opção metodológica. Na verdade, às vezes uma categoria se relaciona estreitamente a outra, sendo assim impossível tratar delas separadamente. Para desenvolver cada categoria elencada, foram empregados trechos das entrevistas realizadas com pescadores e membros mais velhos da comunidade. Tais entrevistas serão mencionadas parcial ou integralmente na medida em que o trabalho for apresentado.

No final do trabalho, apresento um vocabulário composto de palavras relativas aos saberes do mar, principalmente referente à fitozoonímia e a fenômenos da natureza que poderiam ser desconhecidas do leitor sem intimidade com a atividade pesqueira. O vocabulário dispõe palavras do português e do patxohã e foi elaborado em forma de lista com as palavras em ordem alfabética e sua respectiva definição. Na próxima seção, tratarei sobre o povo Pataxó e a aldeia Barra Velha.

4. O POVO PATAXÓ E A ALDEIA BARRA VELHA

Antes de sermos colonizados pelo homem branco, nós Pataxó não tinha habitação fixa e não tinha limite para fazer nossas moradas. Segundo relato de alguns mais velhos nós Pataxó circulávamos desde a região de Belmonte e Porto Seguro, sul da Bahia, até a região de São Mateus - Espírito Santo. Nesta época não existia fronteira para a gente. Mais isso foi questão de tempo. Conforme a literatura, em abril de 1861, o então governador da Província determinou o aldeamento forçado dos Pataxó junto ao Rio Corumbau, na Aldeia Bom Jardim, que seria a atual aldeia Barra Velha. De acordo com o relato de parentes, os Pataxó mais antigos habitavam muitas regiões do litoral e aos poucos foram se deslocando para Barra Velha, formando assim a atual aldeia. (ARAGWKSÃ, 2012). Vimos que fomos forçados a viver confinados em espaços limitados. No entanto isso não aconteceu por acaso, pois na época o governo teve interesses para que isso viesse a acontecer, no sentido de usar o território dos Pataxó para criar Unidades de Conservação Ambiental e favorecer o crescimento da atividade turística na região. A nossa história é marcada por lutas e momentos de dispersão. Pois em 1951 aconteceu uma revolta com o Povo Pataxó, que ficou conhecido como “Fogo de 51”. A parti daí muitas famílias fugiram para outros lugares e não voltou para a Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha. Mesmo com o ocorrido algumas famílias Pataxó voltaram para Barra Velha, enfrentaram muitas lutas de resistência para demarcar a nossa Terra Indígena Barra Velha, aonde vivemos até hoje. No presente, tem famílias Pataxó que moram no Extremo Sul da Bahia, abrangendo os municípios de Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália, Prado e Itamarajú. No mais tem alguma famílias que moram também no estado de Minas Gerais no município de Carmésia, Araçáí, Açucena e Itapecerica.

A aldeia Indígena Pataxó Barra Velha está localizada no município de Porto Seguro, no Extremo Sul da Bahia. O território atual da Aldeia é de 8.627 hectares de terra. Além dela, existem mais sete aldeias, a saber: Pará, Campo do Boi, Meio da Mata, Boca da Mata, Caciana, Bugigão e Xandó, que estão situadas neste mesmo território denominado “Terra Indígena Barra Velha”. Hoje está ocorrendo o processo de ampliação do TI Barra velha, e as 8.627 hectares serão ampliadas para 52.748 hectares e englobarão ainda as seguintes aldeias Pataxó, Guaxuma, Jitáí, Trevo do Parque, Pé do Monte, Aldeia Nova, Corumbauzinho, Craveiro e Águas Belas.

Para chegar à Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha, existe um ônibus que faz linha de segunda a sábado, saindo da cidade de Eunápolis até o centro da aldeia. Quem quiser ir de carro próprio, tem uma estrada na BR 101 próximo da cidade de Monte Pascoal.

A população é estimada em três mil pessoas e trezentas famílias, que professam as religiões católica, e protestante. Há ainda aquelas que não se identificam com nenhuma religião.

O ambiente da aldeia é encantador, tem belas praias, rios, lagoas e manguezais. A paisagem vegetal é composta por Mata Atlântica, Restinga, Vegetação Litorânea e campos. Na vegetação dos campos, há uma planta conhecida por mangabeira que dá um fruto muito saboroso que é conhecido por mangaba. No tempo das mangabas, sempre vemos muitas pessoas, principalmente as crianças, irem buscar as mangabas no campo. Com as mangabas fazemos polpa, bolo, geladinho, suco etc.

As paisagens de Barra Velha guardam a memória sagrada dos Pataxó, em geral, e atualmente os moradores da comunidade usam esses lugares para pegar a suas alimentações como peixes e mariscos e também utilizam como ambiente de lazer. Além desses, os meus parentes têm suas rendas por meio da roça, artesanato, turismo (passeio de buggy), comércio de gêneros alimentícios e criação de animais como gado e galinha. Enquanto outros são assalariados, em serviços da Prefeitura Municipal de Porto Seguro, na área de educação e limpeza pública, há também os agentes de combate a incêndio florestal e o pessoal que trabalha na área da saúde. Além disso, temos outros parentes que recebem benefícios do governo federal como aposentadoria, Seguro Defeso e Bolsa Família.

A moradia das pessoas é de casa de alvenaria, taipa e tábuas. Não temos mais as casas ancestrais tradicionais feitas com palmeiras e madeira. Dentre as moradias, temos as casas que foram adquiridas pelo Programa Minha Casa Minha Vida, projeto do Governo Federal e as outras construídas com recursos próprios dos proprietários. Na feitura das casas de taipa, uma das suas etapas de construção é feita por meio dos mutirões o qual denominamos de embarrear. Nesse mutirão, o dono da casa oferece apenas o mantimento para os envolvidos. Os mutirões são atividades temporárias que são praticadas coletivamente.

Na aldeia tem uma escola, conhecida por Escola Indígena Pataxó Barra Velha, o ensino é oferecido desde a educação infantil até o ensino médio. A entidade mantenedora é a Prefeitura

Municipal de Porto Seguro. A Escola Indígena Pataxó Barra Velha é uma das melhores escolas da região e o seu alunado são da própria comunidade e outros que vem de comunidades circunvizinhas como: Aldeia Indígena Pataxó Pará, Aldeia Indígena Pataxó Bugigão, Aldeia Indígena Pataxó Xandó, Aldeia Indígena Pataxó Campo do Boi, Povoado do Limoeiro, Assentamento do Norte (Posses) e Vilarejo de Caraíva.

A prática do Awê (dança tradicional Pataxó) na comunidade é muito forte e, na busca de um lugar adequado para praticar os rituais, foi construído um centro cultural. Para fortalecer a cultura neste sentido a Escola Indígena tem em uma de suas práticas pedagógica, o Ritual da Lua Cheia, que acontece toda vez que a lua está na fase cheia. Na organização desse ritual todos os alunos e funcionários são direcionados a fazer alguma tarefa. Tipo pegar mariscos, fazer beiju, pegar peixe no mangue, fazer paçoca, pegar lenha para fazer fogueira, fazer cawin (bebida típica), fazer moqueca na folha da patioba, e assim por diante. No final, à noite, acontece o Awê (dança tradicional) e divisão das comidas que acontece no centro cultural. Neste Ritual da lua cheia, tem participação da escola e comunidade e também recebemos turistas que vem prestigiar o ritual e eles degustam das comidas típicas oferecidas no momento.

Na aldeia tem um conselho de lideranças no qual o cacique é a liderança superior. Este conselho é para tomar as decisões juntamente com a comunidade. Na composição desse conselho, tem pessoas representantes da FUNAI - Fundação Nacional do Índio, mulheres, Prefeitura de Porto Seguro (administrador), saúde, artesão, bugueiro, agricultura, pesca e pecuária.

5. SABERES DO MAR

Quando se pensa na pesca Pataxó, há vários aspectos envolvidos. Pode-se considerar o tipo de pesca, se de subsistência ou de larga escala, há os tipos de animais a serem considerados, termos relacionados a direções ou a tipos de ventos e de marés, entre outros. Como informei na metodologia, para tratar sobre os saberes do mar, foram desenvolvidas no trabalho dez categorias temáticas elencadas abaixo:

- (1) a pesca e o povo Pataxó,
- (2) a pesca e o comércio,
- (3) a profissão de pescador,
- (4) tipos de pesca,
- (5) embarcações de pesca,
- (6) fauna e flora marinhas relacionadas à pesca,
- (7) artefatos de pesca,
- (8) pesqueiros e pontos de referência,
- (9) leitura da natureza e a pesca (aspectos relacionados ao mar e ao tempo),
- (10) O mar não tem cabelo para segurar!

Início na próxima seção a primeira, a pesca e o povo Pataxó, e seguirei as demais na ordem da lista acima.

5.1 A PESCA E O POVO PATAXÓ

Por habitarem sempre as regiões do litoral sul da Bahia, os Pataxó adquiriram também uma grande habilidade em conhecer e em desfrutar o encanto das águas marinhas. Na cultura do pescar, os Pataxó organizam-se, estabelecendo papéis e tarefas diferentes para as crianças, jovens, adultos e velhos, sendo assim, um vai aprendendo com o outro, descartando a ideia de uma pessoa somente ser a dona do conhecimento. Mas, na escala de trabalho dos pescadores Pataxó, a experiência reserva um lugar para uma pessoa que é nomeada de mestre. O mestre lidera a

embarcação, organiza a pescaria e escolhe os marinheiros. Sua autoridade, no entanto, não é espalhar medo e obediência entre os pescadores, mas objetiva articular a atuação dos envolvidos de maneira solidária. A solidariedade é essencial para garantir uma boa pescaria e, principalmente, para o enfrentamento dos perigos no mar. É nesse caminho que o ato do pescar vai acontecendo, a trajetória dos mais novos permanecem na trajetória dos mais velhos. Nesse sentido, uns abrem caminho e outros continuam.

A formação de um bom pescador Pataxó demanda tempo. Primeiro, a criança se faz íntima dos modos de pescaria, principalmente no mar de terra, conhecido como pescar nas pedras ou pescar na praia. Lá, a criança aprendiz tem o contato direto com a fauna e a flora marinha, as embarcações e os instrumentos de captura, sempre sob a orientação de um membro da família.

Além da pesca no mar, os Pataxó também têm o costume de pescar no mangue, nos rios e nos lagos. Apesar de diferentes, a pesca em mangues, rios e lagos estão relacionadas com o mar. Exemplo disso é quando acontece a piracema de algumas espécies de peixes do mar. A piracema é a subida dos peixes até a cabeceira do rio para a reprodução. Mas, para os Pataxó explorarem melhor esses ambientes, eles conseguiram criar seus calendários de pesca que por sua vez ficam mais na mente. Esses calendários são a forma de como eles se organizam buscando os meios de orientações por meio dos meses e dia do ano, fases da lua, marés e estações do ano, que contribuem para realizar os vários tipos de pesca, objetivando capturar seus pescados com mais sucesso. Por exemplo, no verão, tem uma espécie de peixe do mar conhecida por samucanga que gosta de habitar as beiras das praias, então, é nessa hora que os pescadores já ficam preparados com sua armadilha de pesca (rede tainheira), esperando esse peixe. Por outro lado, a samucanga também é pega em outras estações do ano, porém, com menos abundância. A respeito disso, Everaldo Braz dos Santos, pescador artesanal da Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha, confirma:

Tipo assim, vai de acordo com o tempo mesmo né, porque, peixe de verão é peixe encostado na praia, porque no alto mar a água clareia, a água fica clara e o peixe lá fora fica escasso. Quero dizer o peixe aproxima da praia, entendeu, então o pescador pesca mais próximo a praia. E as épocas, vamos dizer, no inverno o pescador pesca mais no alto mar, já mais distante da praia {...} porque são peixe de cabeço entendeu, são peixe de recife de fora, porque o peixe que estava mais

próximo da praia já saiu fora {...} então vamos dizer assim, de dezembro até março, é um peixe mais fácil de pegar próximo à praia. Já, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro né, até novembro aí mais ou menos entendeu, o pescador vai pescar mais fora né, porque o peixe tá mais distante, ele sai próximo da praia para ir mais para fora, que é o peixe de cabeça que a gente fala. Que pega o ariacó, a guaricema e pega outras espécies de peixe.

Nesta mesma lógica o senhor José Sales Braz dos Santos, pescador artesanal antigo da Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha evidência sobre o mesmo assunto:

A guaiuba, ela é do mês que a aroeira começa amadurecer, é o mês da guaiuba, é o mês certinho para pescar guaiuba. É o mês que elas estão em volta às pedras.

É dessa forma que são construídos os calendários de Pesca Pataxó, é buscar através da natureza, as épocas adequadas e inadequadas para pegar os peixes, os crustáceos e os moluscos. A época em que o fruto da planta aroeira está madura na minha aldeia é no mês de maio a junho. Então, é nesses meses que é bom para pegar o peixe chamado guaiuba, o mês da aroeira madura, como descrito por José Sales Braz dos Santos. Em outras regiões do Brasil a guaiuba também é conhecida por saioaba.

5.2 A PESCA E O COMÉRCIO

A pesca representa uma das atividades econômicas mais antigas dos Pataxó de Barra Velha. Para falar sobre a pesca e o comércio de pescados na minha Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha, precisamos voltar mais ou menos na década de 60 e buscar entender essa realidade e as mudanças que aconteceram ao decorrer dos tempos. Segundo os mais velhos, o comércio de peixes e mariscos nessa época eram feitos por meio da troca, aonde cada um valorizava seus produtos. Essas trocas eram feitas dentro da própria aldeia e comunidades circunvizinhas como: Campo do Boi, Pará, Porto da Palha, etc. Nessa época

a comunidade tinha até o conhecimento que existia o dinheiro, portanto era bem difícil adquiri-lo. Vejamos o depoimento do Senhor Everaldo Braz dos Santos sobre o assunto:

“Tipo assim né, antigamente, eu ainda cheguei ver em outras épocas, os peixes, ninguém comprava peixe. O Peixe era mais trocado, entendeu, às vezes o pescador dependia da farinha entendeu, pegava o peixe e trocava com farinha entendeu, às vezes se dependia de uma cana entendeu, pegava o peixe e trocava com a cana entendeu, e às vezes tinha pessoas ali da família entendeu, que era junto ali, o peixe que pegava também dividia com aquelas pessoas, eu cheguei ver ainda esse jeito da pesca de antigamente, da forma que um contribuía com o outro, na verdade o peixe não era vendido, era trocado entendeu, era trocado. Era troca com a farinha, com a cana, com a banana, com aipim, quisá , entendeu, até mesmo trocava também com o velho Júlio para fazer uma corda, outro tirar uma embira para fazer uma corda entendeu, era desse jeito que funcionava.”

Hoje em dia é raro fazer - se troca de mercadorias dentro da minha aldeia, com o passar dos tempos o sistema de comércio foi mudando aonde as pessoas costumaram comprar e vender os seus pescados por intermédio do dinheiro. Atualmente a venda dos pescados é realizada pelos próprios pescadores, seja nos portos, diretamente nas praias e em suas residências. O consumo de peixes e mariscos na Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha é muito grande, mas, quando os pescadores fazem boa pescaria, normalmente os seus produtos são escoados para outras aldeias e para o Vilarajo de Caraíva, que é um lugar que recebe muitos turistas durante o ano todo. Um dos fatores que leva o pescador a vender os seus pescados para outros lugares, é a falta de lugares para armazenar e conservar os seus produtos, pois na comunidade não tem frigorífico. Neste sentido, para eles armazenarem e conservar os seu produtos eles usam pequenos frises, e em algumas ocasiões usam a conservação pelo uso do sal.

No comercio de pescados, eu percebi desde há muito tempo que as pessoas têm preferência por comprar certos peixes a outros. Dessa maneira, esse método também

acontece na separação dos mariscos, tipo o camarão e a lagosta. Nessa linha de subdivisão, os pescadores definem o que é peixe de primeira e o que é peixe de segunda. Na categoria dos peixes de primeira, temos a pescada, o ariacó, a sarda, o cação; esses são os peixes que agregam mais valor comercial e são mais apreciados. Na categoria dos peixes de segunda temos o bagre, a corvina, a binquara, o paru-branco; que tem menos aceitação e menos valor comercial. No entanto, nem todos têm apreciação pelos peixes de primeira, exemplo disso é um peixe que temos, conhecido por guaricema, considerado peixe de segunda, que tem uma aceitação maior do que certos peixes de primeira. Percebemos isso quando os pescadores chegam do alto mar com os seus peixes. Pois se o pescador trazer 10 kg de guaricema e 10 kg de ariacó, o primeiro que é vendido são as guaricemas. Já ouvi várias vezes os meus colegas pescadores e até mesmo eu, quando pegamos a primeira guaricema, costumamos falar assim: essa daqui é para o meu rango (refeição), essa daqui é dinheiro no caixa. Isso ajuda a explicar o certo apreço pelo esse peixe.

Na minha comunidade não temos uma tabela específica para poder vendermos os nossos frutos do mar, desse modo, cada pescador valoriza o seu produto. Tem pescadores que selecionam os seus peixes e dá preços diferentes, principalmente, pelo tamanho e peso, peixe de primeira e peixe de segunda. Por outro lado, tem pescadores que vendem seus pescados por um valor único, independente de tamanho, peso e qualidade. Falar de comercio de peixes também envolve uma série de atividades que requer um olhar especial, tipo, a distância que os pescadores percorrem para pegar os pescados, o armazenamento dos pescados que ajuda a manter a qualidade, distribuição dos pescados para outros lugares, os gastos com combustíveis, concerto de motor das embarcações, na verdade isso também contribui para determinar o preço final para o consumidor. Atualmente na minha comunidade o kg do peixe varia de dez a dezesseis reais.

5.3 A PROFISSÃO DE PESCADOR

Para falar da profissão dos pescadores de minha comunidade, primeiro quero iniciar dizendo que não tem uma idade certa para que um iniciante possa participar de uma viagem de pesca. Mas, para que o futuro pescador se faça intimo de sua profissão, é viável que se habituem

a conviver com o mar e com todos os afazeres ligados ao cotidiano da pesca. No entanto, é a partir desse momento que é construído o perfil do Pataxó pescador que pretende levar essa profissão à frente. Na formação desse perfil, é importante lembrar que mais adiante o futuro pescador estará sujeito a aprender várias lições relacionadas a sua profissão. Certamente uma dessas lições é analisar as correntezas que por sua vez influenciam em alguns tipos de pesca, tipo a pesca de rede de emalhe de fundo. Exemplo: quando a correnteza está bem forte é recomendado colocar duas ancoras para segurar as extremidades da rede. Senão a rede pode correr o risco de enrolar e não pegar nenhum peixe. Na pesca de linha de mão a correnteza também dá diferença, pois a quantidade de peso que é colocada para a linha chegar no fundo depende muito da correnteza. Quando a correnteza está fraca, colocar-se menos peso, quando a correnteza está mais forte coloca-se mais peso. Neste sentido quando tem menos correnteza o peixe costuma buscar seu alimento mais longe, daí a necessidade de colocar um peso menor, para a correnteza fraca levar o seu anzol com a isca para bem perto do peixe que está distante do cabeço (pedra grande). E já quando tem mais correnteza o peixe costuma comer mais perto do cabeço de onde a pessoa está ancorado ou fundeado com a sua embarcação. Isto é mais recorrente quando está pescando o peixe no alto mar, principalmente em lugares que tem pedras no fundo, que para nós Pataxó de Barra Velha essas pedras é conhecida também como cabeço. Outra lição é perceber os sinais do tempo. Nesta lição do sinais do tempo é você saber olhar para o céu e saber decifrar a galáxia Via Láctea, que por sua vez é um conjunto de estrelas, que para nós pescadores Pataxó de Barra Velha é também conhecida como Caminho de Santiago, ele (a) indica a posição dos ventos; Observar as nuvens, elas indicam a posição dos ventos e se vai chover; Ouvir a zoadá do mar, também indica a posição dos ventos; Segue parte de uma entrevista que fiz com os meus entrevistados que trata dos sinais dos tempos:

Eu descobro o vento assim, a gente mora próximo à praia, quando você ver o mar tá zoando no Norte é sinal que ele vai vim na direção do norte e da mesma maneira acontece quando o mar zoa no Sul, é evidente que o vento virá do Sul. Para descobrir o vento depende muito da zoadá do mar, porque o mar é o guia do pescador. Às vezes você vê ele só zoando no meio no leste você sabe que o vento vai vim do Leste. Tem a Viração de Fora, as vezes você vai ver ele aqui mais no Lenordeste, você vai saber que o vento ali é Nordeste, mais quando

you ver zoando no Sueste you sabe que vai vim vento Sueste. E outro conhecimento tambem que eu conheço sobre os ventos é até mesmo a observação pelo céu entendeu, pelo uma nuvem, tipo assim, you ver uma nuvem formada girando ao contrário de sua posição, caminhando para o outro lado, pode ter certeza que aquele vento vai mudar de posição. Aí o que acontece, quando you acorda de madrugada e ver as nuvens cheias de escadinha, conhecida por barba de rato, vindo da direção do Sul, you tá sabendo pelo céu que o vento vai ser Sul. Esta observação serve para outros ventos tambem. Conhece muito tambem pelas nuvens, pelo céu, e até mesmo pela posição do Cruzeiro do Sul a pessoa conhece de onde o vento vai vim. A lua tambem indica a posição do vento, a boca da Lua, pois é, a boca da Lua tambem indica a posição do vento, para onde a boca dela tá porque you pode ter certeza que o vento vai ser dali. E outra coisa, you sabe quando vai dá temporal? Exemplo, you chegando na praia de madrugada, ver que não tem vento e ver o mar todo estanhado, todo paradinho, sem vento nenhum, o mar calmo, you pode ter certeza que vai dar temporal entendeu, o pescador que conhece ele já sabe que vai dar temporal. Porque o mar tambem já dá o sinal {...} é isso que eu acabei de falar entendeu, realmente you tem que saber concluir tudo entendeu, as variações, que já indica tudo, a Lua indica, o mar indica, o céu indica entendeu, o próprio vento indica.

De acordo a reflexão que fiz neste trecho de explicação dos sinais do tempo, pelo senhor Everaldo Braz dos Santos, realmente é isso mesmo! A natureza já indica tudo, só basta estarmos ligados e aprender com a própria natureza sobre os sinais que ela quer nos ensinar. Nas atividades pesqueiras isso é muito relevante, pois abrir mãos dos conhecimentos da mãe natureza, significa um caos na vida do pescador.

Capturar boas iscas tambem é uma lição conveniente para o pescador. Uma boa isca é you buscar entender qual a isca que a espécie a ser capturada gosta de comer. Isto é, tem peixe que gosta de comer camarão, em vez de comer siri. A tempo que eu tenho contato com as iscas, nas

experiências da vida eu aprendi várias técnicas de como pegá-las em diversos ambientes que são encontradas, seja no mar, no mangue, no rio e nos lagos. No mar a gente usa mais a isca que é feita com escalado de peixe (peixe cortado em pedaços), o camarão sete barbas e o camarão rosa, além disso, pescamos também com o siri, o guaiá, o goroçá, o búzio etc; No mangue pescamos bastante com o aratu, o capanga, o caranguejo mole e o búzio, acrescenta-se também o camarão, o siri e outros. Nos rios e lagos, a nossa preferência é pescar com a minhoca, o camarão do rio, escalado de peixe e peixe vivo de água doce, mais pescamos também com o búzio e o caranguejo do mangue que é ideal para pegar um peixe conhecido na minha aldeia por judeu ou cumbaca. Ademais, tem pessoas que gostam de pescar com isca artificial, que são basicamente objetos presos na linha que são projetadas para imitar iscas vivas. Esses artefatos servem tanto para pegar espécies marinhas que vive na água doce e na água salgada. Ultimamente na minha comunidade é mais frequente o uso do camarão para pescar no mar, quase ninguém conhece a isca que é retida do búzio. Além do mais, é preciso ter paciência, pois não é em todos os lugares que vai ser encontrado o pescado. Tem que ter a paciência para procurar o local ou pesqueiro adequado. É nesse exercício de procura que costumamos falar, o peixe pode está mais em terra, pode está mais fora, pode está mais no sul ou mais para o norte, pode está mais próximo das pedras ou longe das pedras, pode está mais no cascalho ou pegando na caída. Pegando peixe na caída é quando a embarcação não fica ancorada, ela vai andando sozinha bem devagar, dando impressão que a isca que está presa no anzol está viva. E assim por diante temos a lição dos desafios dos pescadores que acontece nas viagens de ingresso e regresso no mar. Por exemplo: fúria dos ventos, mar agitado, calmarias, naufrágios, entre outras coisas. A fúria dos ventos é quando o vento está fora do normal, com rajadas muito fortes. Se o pescador estiver em meio a uma ventania no mar, os cuidados têm que ser redobrados, senão podem acontecer acidentes colocando a vida do individuo em perigo. O mar agitado frequentemente ocorre em função dos ventos fortes. Navegar com o mar agitado não é uma tarefa fácil, pois sobressair de ondas agitadas é um alerta para que a embarcação não naufrague. Calmarias são os momentos em que tem pouco vento. Isso atrapalha principalmente o pescador que usa embarcação a vela (náutica) e que precisa de uma boa quantidade de vento para poder encher as velas, facilitando o retorno para terra. Naufrágio, o naufrágio é a perda de uma embarcação por afundamento. Isso pode acontecer em função de tempestade, ventos fortes, colisão com outra embarcação ou com uma pedra. Por outro lado é nesses momentos de dificuldades que o pescador recorre ao

conhecimento que ele adquiriu ao longo do tempo, ouvindo os mais velhos, as histórias, mas não é só com velhos que se aprende, a prática também ensina, mesmo quando se tem companhia de pessoas inexperientes. Enfim, as lições são ensinamentos que precede as experiências, nesse sentido, compartilhar o que sabemos e fazemos e saber o que as outras pessoas sabem e estão fazendo é muito importante para multiplicar e espalhar os saberes sobre a pesca pelo território.

Ouvir e contar histórias também são formas de aprendermos o mundo dos saberes que envolve a pesca. Uma das maneiras de contar essas histórias é por meio da oralidade, que provavelmente acontece em beira de fogueiras, jornadas de pescaria e na escola. Desde criança que eu aprendi a ouvir histórias dos mais velhos. Me recordo muito bem que antigamente juntávamos várias crianças e íamos para a casa do senhor Ananias do Nascimento, morador da Aldeia Barra Velha, para ele poder contar histórias para a gente. Na beira da fogueira todos reunidos seu Ananias contava várias histórias que ficávamos todos encantados e imaginando coisas. No contar das histórias, tinha histórias de caçadores, pescadores, animais e histórias de seres não humanos como a Mãe D'água, o Nego D'dágua, o Boi-Ta-tá, o Lobisomem, e outras. Hoje, de vez em quando essas histórias ainda são contadas na comunidade, entretanto, a chegada da energia elétrica na aldeia mudou os costumes das pessoas aonde muitos preferem assistir televisão do que juntar-se para contar as histórias. Em particular, as histórias de seu Ananias me ensinaram vários conhecimentos pertinentes à minha profissão de pescador. Hoje, posso afirmar que também contribuo com minhas histórias e experiências na área da pesca. Como trabalho na escola, sempre aparecem alunos que me procuram para poder me entrevistar, principalmente com assuntos relacionados à pesca no mar e no mangue. Enfim, a cada dia que eu vivo a minha prática de pesca, eu aprendo um pouco de conhecimento que ficará na minha história.

Para refletimos melhor sobre os conhecimentos que trazem as histórias, trago aqui uma história verídica de momento de aflição por que José Sales Braz dos Santos e outros pescadores passaram em um certo dia em que foram surpreendidos pelo vento sul em alto mar:

Rapaz, o vento mais forte que eu peguei lá no mar foi o vento Sul, um dia mais Laurito. Não sei se você alcançou uma canoa de Juerana que eu tinha, foi poucos tempos, uns quinze anos atrás, vinte anos. Eu pequei um vento Sul mais Laurito e o finado Luiz Capitão mais os meninos numa canoa grande da FUNAI. Aí ele gritou pra a gente,

rapaz tira esses panos dessa canoa! Eu respondi, “seu Luiz, se eu tirar os panos dessa canoa eu sei que não consigo chegar em terra!” Aí que muitos pescadores não sabe o que é um baço, o baço, você não sabe não? Você amarra uma corda no meio do mastro, faz uma laçada e você passa em você aqui e você bota os pés na beira da canoa, você vai com a bunda toda dentro d’água e o outro governando. Aí eu fiquei no baço e Laurito foi governando a canoa. Pisei na beira da canoa por lado de fora assim, na beira da canoa, fiquei deitado assim, com a corda amarrada no mastro encima, se chama baço. Eu falei ó Laurito, meu irmão, você pode segurar, não deixa o pano bater não, senão a gente emborca. Porque quando você entra no baço você não pode deixar o pano bater, tem que levar a embarcação com o pano cheio. Tem rajada de vento que você segura o balanço. Aí o velho Luiz falou, rapaz você é doido rapaz, eu respondi doido é você que é um pescador velho e não sabe como aprumar uma canoa. Esse baço é para a canoa não descaí. É para equilibrar a canoa, é para a canoa não emborcar. Você com dois panos em uma canoa com o vento fresco, o vento da polpa, com o vento travessado, se você não souber, você vira a canoa. Quando você coloca o baço na canoa, ela vai com o fundo toda apoiada encima d’água, isso aí o cara tem que saber senão o leite ninho vai para o barro.

Essa história de José Sales tem muito a nos ensinar. Ele e os demais foram surpreendidos pelo temido vento sul. Em momentos assim é que a experiência do pescador prevalece. Nessas situações de fúria, tudo em aumenta na pessoa. Aumenta a fé, aumenta a atenção, aumenta a desconfiança e assim por diante. Eu não queria estar nessa embarcação de José Sales Braz dos Santos nesse momento vivido por ele, mas, na minha vida de pescador, também já vivi situação semelhante e sei que não é bom ser surpreendido por ventos furiosos no mar. Por questão de espaço, não narrarei a situação vivida aqui, mas posso afirmar que minha história de aflição no mar gerou muitas aprendizagens para mim. Depois do acontecimento só restaram as reflexões. E com as reflexões, eu aprendi que tempestades ensinam, vento forte ensina, onda grande ensina,

tudo ensina, afinal, a prática no mar nos ensina o que queremos saber e o que não queremos também.

Na história contada acima por José Sales aparece uma técnica que para mim é desconhecida, que é uso do baço. Como ele descreve que umas das funções do baço é aprumar a canoa, então, eu busquei algumas fontes para saber se no passado, na Bahia, a mesma técnica era usada pelos indígenas. Câmara (1976), ao tratar de embarcações indígenas da Bahia, especificamente de canoas, descreve um elemento da embarcação que muito se assemelha ao que José Sales exprime por baço. Vejamos o trecho abaixo:

Quando andam a bolina com vento fresco, os tripulantes colocam-se em pé na borda de barlavento agarrados em cabos com balso, a que chamam *brandais*, fixos ao mastro grande, e assim vão eles se afastando da vertical para fora até ficarem horizontalmente, à proporção que o vento refresca, fato muito singular na baía de Todos os Santos, e digno de atenção para os que navegam à vela em embarcações miúdas, por ser o vento muito variável em força e direção. (CÂMARA 1976)

Para entender melhor do que o autor está falando, há uma gravura de uma canoa na (pág. 38) de sua obra que mostra como o que ele chama por brandal funciona. Analisando a versão de José Sales Braz dos Santos e de CÂMARA (1976), pude perceber que eles falam da mesma prática, porém usando termos diferentes, que no fundo, quer dizer a mesma coisa, que é aprumar a embarcação no sentido de não sair da rota desejada, o que mostra que a prática do baço é antiga entre os indígenas da Bahia, embora, infelizmente, por não serem mais usadas canoas, apenas os mais velhos conheçam.

A formação mínima para ser um pescador não é obrigatória. É uma profissão de livre formação, e, geralmente, o aprendizado surge nos núcleos familiares e por inspiração de outros pescadores mais experientes. Segue parte de um trecho da entrevista que tive com o meu entrevistado Everaldo Braz dos Santos, que ajuda a compreender essa questão:

“(...) primeiro eu iniciei a pescar assim, (...) foi na beira do rio né, pescando o peixe chamado corró, piapeba, dentão, (...) pescando

moreia no mangue, pescando nas pedras, (...) tipo assim, como eu via que tinha dois pescadores velhos, que mais pescava né, que era seu Domingo Leite e Luiz Capitão. Aí chegou em um determinado dia que eu cheguei e falei para Luiz que eu queria pescar com ele, até que ele disse, não, eu levo você. (...) eu comecei a pesca tipo assim, primeiro por iniciativa de meu pai e depois me espelhei em Luiz Capitão, entendeu, que foi o primeiro que me levou lá no mar para mim pescar junto com ele.

Como visto no trecho da entrevista de Everaldo Braz dos Santos, é explícito que, além da inspiração de outros pescadores mais entendidos, a profissão de pescador também requer um passo inicial do pescador iniciante. Depois, o conhecimento vai sendo adquirido, muitas vezes sem a ajuda direta de outra pessoa. Além disso, não tem um lugar certo para aprender tais conhecimentos associados ao conjunto de técnicas e regras de pesca. Tais regras e técnicas podem ocorrer no mar, no mangue, no rio e nos lagos, embora cada um tenha sua especificidade.

Quero aqui lembrar e saudar os meus guerreiros pescadores antigos, os senhores (as): Epifânio, Benedito Ruivo, Fulô, Tiotonho, Antônio Barriga, Luiz Capitão, Domingo Leite, Antônio Márcio, Palmiro, José Sales, Antônio Fumo, Maria Guaximá, dentre outros. Esses antigos pescadores foram os primeiros pioneiros da pesca na Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha e hoje suas ciências estão presentes no nosso meio, que por sua vez, continuam contribuindo na orientação dos pescadores, que continuam escrevendo essas histórias.

Na Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha, temos aquele pescador que pesca por esporte e tem aquele pescador que é mais permanente, profissional. O pescador que pesca por esporte é o que vai um dia ou outro ao mar, ao mangue, ao rio ou aos lagos, pegam o suficiente para saciar os seus desejos num determinado momento. O pescador permanente é aquele que está dia-a-dia no mar, no mangue, no rio ou nos lagos, e depende do que pega para garantir a subsistência de suas famílias. No presente, há noventa e cinco pescadores da Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha, vinculados nos cadastros da RESEX - Reserva Extrativista Marinha do Corumbau¹. Dentre os noventa e cinco pescadores, há os que exercem suas atividades de pesca no mar e

outros que atuam mais no mangue, em rios e também em lagos, não se esquecendo dos marisqueiros, que também são um grupo específico de pescadores. No exercício da pescaria, sempre existem os momentos ideais e os momentos ruins para fazer boas pescarias. Em geral, isso acontece em função de vários aspectos que envolvem a relação com a natureza e a aquisição de apetrechos adequados para facilitar a captura de espécies marinhas, como a sonda náutica que informa se há pedras no fundo mar.

Em termos econômicos, a profissão de pescador pode render o suficiente para proporcionar uma vida digna ao pescador. Quando há boas pescarias, o profissional consegue levantar um bom capital que muitas vezes lhe permite comprar um eletrodoméstico, um veículo, roupas, utensílios de casa etc.

Em alguns meses do ano vários pescadores da minha aldeia param as suas práticas de pesca para resguardar o momento de reprodução das espécies marinhas. Para entender melhor sobre como funciona o Seguro Defeso ou Seguro-desemprego dos pescadores artesanais da Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha e contextos mais gerais, conversei via facebook (troca de mensagens) com o senhor Everaldo Braz dos Santos, aonde seu conhecimento contribuiu para explicar o assunto pautado.

Durante o defeso, alguns pescadores recebem o Seguro Defeso ou Seguro-Desemprego, que é um benefício temporário pago pelo Governo Federal, durante o período em que a pesca fica suspensa para a reprodução das espécies. Portanto, esse benefício é permitido aos pescadores artesanais, que tem a pesca como seu único meio de subsistência, e que ficam impedidos de pescar na época proibida, momento de reprodução dos peixes e de outras espécies marinhas como o camarão sete barbas entre outras. Para o pescador ter direito a esse benefício, ele precisa preencher alguns pré-requisitos, como, por exemplo, não ter outra fonte de renda, além da pesca artesanal, exercer a pesca artesanal sozinho ou em regime familiar, e assim por diante. Esse cadastro é feito pelas colônias de pescadores. Entretanto, uma das funções das colônias é legalizar a situação cadastral do pescador para que os seus direitos sociais sejam garantidos de acordo com o que demanda a Constituição Federal.

O valor do recurso a ser recebido por meio do Seguro Defeso é estimado de dois a quatro salários mínimos, dependendo da quantidade de meses em que a pesca ficará interrompida. Ademais, quem for flagrado pescando as espécies proibidas durante o defeso, seja pescador

beneficiário ou não beneficiário, estará sujeito a multas e a apreensão de seus petrechos de pesca. Na verdade, nem todos os pescadores cumprem essa lei. No mês de abril do ano de dois mil e dezenove, por exemplo, época do defeso do camarão, alguns pescadores do Povoado de Corumbau e da Aldeia Indígena Pataxó Bugigão foram pegos no mar por desrespeitar o defeso do camarão. Neste caso, foram multados e seus artefatos de captura foram apreendidos.

O Povoado de Corumbau e a Aldeia Indígena Pataxó Bugigão ficam próximos à minha aldeia, Aldeia Barra Velha, e, por isso, frequentemente, os pescadores desses lugares trocam entre si suas experiências de pesca, principalmente em reuniões e em eventos que são convocadas pela RESEX. Respeitar o período de defeso das espécies marinhas é permitir que a vida marinha continue existindo, especialmente para os pescadores. Na minha comunidade, acompanhamos diversos tempos dos defesos, dentre eles, há o defeso do camarão, que acontece duas vezes durante o ano. O primeiro período começa em abril e termina em maio, o segundo começa em outubro e vai até novembro. O defeso do robalo começa em maio e termina em agosto. O defeso da piracema começa em novembro e vai até fevereiro. Além desses, temos também o defeso de uma certa espécie de caranguejo do mangue, que ocorre de dezembro a março. Dentre esses meses, sempre acontece a andada dos caranguejos que é o momento em que eles estão acasalando. A andada dos caranguejos ocorre entre um período de três dias, então, é durante esses três dias que é proibido pegar os caranguejos, sendo considerado o defeso dos caranguejos. Hoje, o cenário no Brasil não está bom para o pescador artesanal, porque as mudanças que ocorreram no Seguro Defeso em 2019 não incluem alguns pré-requisitos que caracteriza o pescador artesanal. O pescador artesanal é aquele que pesca para a sua subsistência, mas o governo favorece o pescador industrial, que pesca em grande escala e dá lucro para os cofres públicos.

A profissão de pescador na minha comunidade tem sido para poucos. Atualmente, os jovens demonstram pouco interesse em dar continuidade à atividade pesqueira. Muitos procuram outras profissões, pois acham que o trabalho no mar é muito cansativo e tem pouca produtividade. Observaremos a opinião de José Sales Braz dos Santos sobre o grau de desinteresse dos jovens pela pesca:

Eles não estão interessando hoje pela pesca, porque hoje tem muitos aí que os pais pode dar de comer a eles. Porque naquele tempo, que era o

tempo que os pais da gente botava a gente para trabalhar para ter as coisas, a gente interessava fazer tudo. Hoje não, tem muitos jovens envolvidos aí no mundão da perdição. Vive mais na perdição do que descobrindo a natureza do seu alimento, de seu pão de cada dia.

Conclui-se que realmente José Sales Braz dos Santos pode está com razão. Na minha comunidade, sempre vejo jovens transitando sem ocupação nenhuma nos quatros cantos da aldeia. Por outro lado, em alguns núcleos familiares, são os próprios chefes pescadores quem tiram a oportunidade de seus filhos seguirem a profissão de pescador. Porque muitos dizem que trabalham duro no mar para poder dar o estudo para os seus filhos no intuito de buscar outras profissões que não sejam tão pesadas como a pesca, como muitos imaginam que é a profissão de pescador. Essa é uma profissão que requer muito esforço físico e vai chegar o momento que o cansaço vai bater. Afinal, qual é a profissão que não é cansativa? Eu sou pescador, amo pescar, essa profissão está no meu sangue, nas minhas raízes, por isso quero viver essa profissão para sempre. Finalizarei este tema, a profissão de pescador, de acordo com o pensamento de meu irmão Humberto Júnior Braz dos Santos, jovem pescador da Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha:

Jamais eu desistirei do mar. Eu ando no alto mar desde meus quinze anos de idade (...) o mar é um meio de tirar nossa sustentabilidade, o nosso sustento para alimentar a nossa família...

5.4 TIPOS DE PESCA

No exercício da pesca, saber o que cada tipo de pesca simboliza, significa saber escolher o tipo de pesca em que se deseja se profissionalizar. Em outras palavras, há pescadores que só praticam um tipo de pesca e deixam as demais de lado. Ao contrário, tem pescadores que trabalham com vários tipos de pesca ao mesmo tempo. Resumindo, quem trabalha com vários tipos de pesca ao mesmo tempo, tem mais chance de trazer o pescado para casa. Na aldeia Indígena Pataxó Barra Velha existem vários tipos de pesca que estão no dia a dia dos pescadores. Dentre elas, as mais praticadas são: a pesca com rede de emalhe de fundo, a pesca com linha de mão e a Pesca com espinhel/grozeira. Mas também temos outros tipos de pesca, porém praticadas com pouca frequência como: pesca da lagosta, pesca com rede de arrasto de praia, pesca com balão, pesca do polvo, pesca do ouriço, pesca da rita-pedra, pesca com vara ou

pindaíba e a pesca com bicheiro. Desde criança que eu tenho contato com esses tipos de pesca, pois foi com a orientação de meu pai Cosme Braz dos Santos (Txui Pataxó) que eu aprendi a amarrar o primeiro anzol em uma linha de nylon para pescar nas pedras da costa marinha, lugar onde eu comecei a dar os primeiros passos para pescar no mar. Para mim, aquilo foi uma grande felicidade, porquanto eu não sabia que aquele era apenas um primeiro nó que eu dei no anzol e não percebi que o meu futuro na pesca me reservava vários aprendizados que para mim são fundamentais para eu fazer uma boa pescaria hoje. Eu me recordo muito bem, que eu e meu irmão Humberto Júnio Braz dos Santos (Wirapurú Pataxó) saíamos escondidos para pescar nas pedras, pois foi nesse lugar que eu comecei a dar os primeiros passos para conhecer os vários tipos de pesca que conheço até hoje.

No cotidiano da vida, aprendi que cada tipo de pesca emprega conhecimentos diferentes, pois saber o que cada tipo de pesca representa é saber a natureza de cada uma delas. No mais, é importante lembrar que, além de saber fazer o seu artefato de pesca, é interessante que o pescador saiba como buscar um lugar adequado para armar suas armadilhas. Além desses tipos de pesca, é preciso considerar que a atividade pesqueira pode ser muito diferente dependendo do ambiente. Por exemplo, como já disse anteriormente, ela pode acontecer no mar, mas também no rio e mangue e na lagoa. Além disso, ela pode ser diurna ou noturna, e isso envolve experiências, objetivos e saberes específicos. Seguem abaixo alguns tipos de pesca.

5.4.1 PESCA COM REDE DE EMALHE DE FUNDO

A pesca com rede de emalhe de fundo é uma das principais modalidades praticadas pelos pescadores Pataxó da Aldeia Barra Velha. Para fazer esse tipo de atividade pesqueira, são usados canoas ou barcos. O pescador amarra aproximadamente dez panos de redes e lança ao mar a uma extensão que chega a trezentos metros, usando corda e boias para identificar as redes no mar. Seu uso desse tipo de rede permite capturar uma diversidade peixes, lagostas, siris e o camarão vegê. Essas redes podem ser colocadas em qualquer época, mês e horário do dia e são produzidas pelos próprios pescadores da comunidade. Atualmente, a matéria-prima com que são confeccionadas é comprada na cidade, como boia, chumbo ou peso, corda, panagem ou pano de nylon, linha de nylon e linha para a tralha. Em algumas situações, tem pescadores que compram essas redes prontas pelo fato de não saberem confeccioná-la. Este tipo de apetrecho agarra os pescados na malha e podem ser de vários tipos: tainheira, caçueiro, raieira, entre outros.



Foto: Pescadores Pataxó da Aldeia Indígena Barra Velha - BA, organizando a rede de emalhe de fundo para colocar no alto mar.

A tainheira é adequada para pegar peixe menores, como, samucanga, sauara, bagre, boca-torta, além dos imprevisíveis siris e camarões-vegê. O caçueiro é bom para pegar peixes maiores como, pescada, sarda, cação, robalo etc; A raieira é apropriada para capturar o peixe conhecido por arraia ou raia.

Segundo os pescadores anciãos, esses apetrechos eram conhecidos na comunidade desde os tempos antigos, pois as matérias-primas com que eram fabricadas eram retiradas da floresta, como a fibra de uma palmeira conhecida por tucum.

5.4.2 PESCA NAS PEDRAS

Pescar nas pedras é a ação de capturar os seres marinhos que vivem nos recifes. Desde muito tempo, os Pataxó de Barra Velha fazem suas atividades nesse lugar e sabem usar as técnicas adequadas para pegar as espécies almeçadas.



Foto: crianças e mulheres Pataxó de Barra Velha mariscando nas pedras

Para conduzir a pesca nas pedras, os pesqueiros são mapeados, indicando o local adequado para capturar os peixes, os mariscos e os moluscos. Os pesqueiros servem como abrigo ou comedouro de peixes. É interessante destacar que existem diversos fatores que contribuem para ter sucesso nesse tipo de pesca. Dentre os fatores, temos a importância de acompanhar os ciclos da lua, as marés, os ventos e assim por diante. Abrir mão desses conhecimentos significa pouco alimento na mesa. Viver e aprender a pescar nas pedras é uma das atividades que faço desde minha infância. No meu modo de ver, tudo que tem nas pedras marinhas tem o seu propósito de estar ali. Por isso, respeitar o que tem lá, é viver de bem com a Mãe D'água. Segundo os mais velhos da minha comunidade, a Mãe D'água é um ser não humano que mora nas águas marinhas e uma de suas missões é cuidar dos seres vivos que existem nas águas, tanto faz se do mar, do rio ou do mangue.

Na cultura de meu povo Pataxó, acredita-se que existem seres não humanos em diversos ambientes, seja na água ou na terra. Por isso, pedir licença ao entrar em qualquer ambiente da natureza é um sinal de respeito a quem é o dono que protege esses lugares. Quando eu era criança, gostava de pegar peixes pequeninos para poder brincar e, nessas brincadeiras, alguns chegavam a morrer. Então, eu cheguei a ouvir no meu núcleo familiar que a Mãe D'água fica furiosa quando a gente faz isso com os peixes e com outros viventes da água. Ela pode nos castigar! Portanto, eles falam que a Mãe D'água não nos atrapalha pegar nosso sustento nas águas. O que não pode ser feito é o que eu fiz, matei o peixe e não o aproveitei. Então, essas vivências, servem para refletirmos e nos conscientizarmos sobre alguns atos inconvenientes que cometemos à natureza. Tem pessoas, por exemplo, que, quando vão pegar um ouriço nas pedras do mar, saem quebrando as pedras para apanhar o ouriço com facilidade. Isso não é certo, pois quebrar as pedras pode desequilibrar o ambiente dos ouriços e das demais espécies que dependem das pedras para fazer suas moradias, alimentarem-se e se reproduzirem. Quando acontece essa ação humana, não é bom, ela pode levar à diminuição de uma população marinha, ainda que às vezes as pessoas façam isso inocentemente, sem medir as consequências para o futuro. Por outro lado, tirar os ouriços da maneira correta, respeitar os períodos de reprodução das espécies marinhas, não agredir as pedras, entre outras ações semelhantes, são boas ações para que a vida marinha prossiga, sem risco de perda de espécies. Há um peixe, conhecido por badejo, que gosta de habitar as pedras e que habita as águas profundas do mar. O badejo está na lista dos peixes ameaçados de extinção. Por isso, ajudar a preservar o ambiente em que vive esse peixe é favorecer essa espécie.

Pescar nas pedras ou pescar na praia são expressões que significam a mesma coisa. Há pessoas que dizem: “Eu vou pescar na praia hoje!” Nessa situação, ela está insinuando que vai pescar nas pedras. As praias e as pedras são unha e carne umas das outras. Elas não se desprendem. Na minha aldeia, o ambiente das pedras e das praias não é usado somente para pescar. Elas também são lugares a que as pessoas levam suas famílias para passear, brincar, tomar banho, jogar futebol e assim por diante. É também nessas relações familiares com o mar que muitas crianças vão conhecendo, na prática, o ambiente das pedras e aumentando seu conhecimento sobre o mar, seja na companhia de um adulto ou espontaneamente.

5.4.3 PESCA DE POLVO



Foto: Índia Jussara Pataxó moradora da Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha capturando um polvo nas pedras (recifes) da Praia do Calugi, Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha - BA.

O polvo é um animal invertebrado pertencente ao filo dos moluscos. Animais dessa espécie gostam de habitar os recifes (pedras) do mar. Na aldeia Indígena Pataxó Barra Velha, a pesca do polvo acontece nos recifes que fica nas costas das praias, sendo mais comum às pessoas que gostam de pegar mariscos. Costuma-se pegar o polvo na lua cheia e na lua nova. Pois, é no período dessas luas, que a maré fica baixa, conhecida na aldeia por maré seca.



Foto: Polvo que foi capturado nas pedras (recife)

Na captura do polvo, é utilizado o bicheiro, que é um artefato de pesca que é produzido com varas de aço, conhecidas por vergalhão. Para identificar a moradia do polvo nas pedras, é recomendado ficar atento aos buracos e rachaduras onde ficam aglomeradas cascas de crustáceos, animais que são o alimento predileto do polvo. Dentre os crustáceos preferidos do polvo, estão o siri, o búzio, a lagosta e o guaiá, entre outros. Uma vez exposto ao perigo, o polvo costuma soltar um jato de tinta para atrapalhar a visão e confundir o seu predador. Esse jato de tinta, na cultura do meu povo, é conhecido por café. Outro artifício que o polvo usa para livrar-se de seus predadores, principalmente o temido caramuru (moreia), é a camuflagem. Nesse processo de camuflagem eles ficam da cor do ambiente em que ele se encontra. Na minha comunidade, o polvo é uma iguaria muito apreciada pelas pessoas e pode ser consumido cozido e assado. A pesca do polvo fica mais na responsabilidade dos jovens e dos adultos, que por sua vez costumam capturá-lo em cima das pedras, por meio da pesca de mergulho. Atualmente, na minha aldeia, o quilo do polvo é comercializado no valor de vinte reais, o que é considerado um valor bom e justo.

6. EMBARCAÇÕES DE PESCA

Na dinâmica do movimento da pesca, é indispensável o uso das embarcações, pois elas conseguem nos levar a diversos lugares aonde seria impossível ou difícil ir a nado. Desde muito tempo, os Pataxó de Barra Velha usam as embarcações para suas atividades cotidianas. Além da importância que elas representam na pesca, o meu povo também sempre utilizou as embarcações para transportar os seus produtos agrícolas e materiais extraídos das florestas. Segundo uma conversa informal que tive com José Sales Braz dos Santos, pescador antigo da Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha, antigamente ele também utilizava a canoa de madeira como um meio de transporte para poder levar as suas piaçavas para vender na cidade de Porto Seguro, na Bahia, que fica aproximadamente a noventa quilômetros da Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha. Essas viagens eram feitas pelo mar a canoa e eram muito demoradas.

De acordo com os meus velhos, a canoa de madeira é a embarcação mais antiga que faz parte da história dos pescadores da Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha. Essas canoas foram produzidas por pessoas da própria comunidade e por pessoas das aldeias circunvizinhas como Pará, Campo do Boi e Meio da Mata. Dentre elas destaco Luiz Capitão, Domingo Lolô, João Pongó, Alfredo Pesca, Antônio Braz, e assim por diante. No mais, tem Pataxó de outras localidades que têm o domínio de fabricar essas canoas também. Para fazê-las, os Pataxó sempre procuraram buscar as madeiras que têm muita resistência e facilidade para flutuar. Dentre as árvores que são consideradas boas fornecedoras de madeira para fazer as canoas, temos espécies como oiticica, juerana, pequi, angelim, imbiruçu e a barriga d'água.

O uso da canoa de madeira a vela (náutica), na minha comunidade foi sendo esquecida no cotidiano da vida dos pescadores da Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha. A respeito do abandono do uso da canoa, encontraremos os seguintes esclarecimentos dos pescadores:

“ (...) Antes, tipo assim né, utilizava muita canoa entendeu? Canoa de madeira, a canoa de madeira era mais utilizada... (...) (Everaldo Braz dos Santos)”

“(...) Hoje existe barco, existe bateira, a gente nem sabia o que era isso.” (José Sales Braz dos Santos)

O primeiro que teve uma embarcação aqui a motor foi Antônio Fumo, que era uma canoa a motor... a partir daí, depois dessa canoa a motor né, aí veio Pistola. Pistola tinha um barco a motor entendeu? Aí, depois de Pistola a comunidade comprou na época com o recurso da FUNAI... um barco novo, que foi o Patiguaré. Que ficou certo tempo na responsabilidade de Antônio Fumo e boa parte também na responsabilidade de Nereu, e hoje esse barco se encontra acabado, encostado. Aí veio, eu comprei um né, Nereu comprou outro né, e recentemente agora Seteba entendeu?... Laurito também tem o dele, e Deco também tem o dele. Tipo assim, são as embarcações a motor que tem dentro da comunidade. E existe também as mais recentes: que tem Cocó com sua lanchinha, e, Fernande também com sua lanchinha entendeu? Cássio e Goiaba também que tem uma lanchinha de fibra...(...) (Everaldo Braz dos Santos)

Considerando os trechos acima, é notável a mudança que aconteceu na substituição da canoa de madeira pelas embarcações a motor. Essa mudança aconteceu porque os pescadores acham que as embarcações a motor são mais eficientes no sentido de gastar menos tempo para chegar aos lugares desejados, exigem menos esforço físico dos pescadores e menos vulnerabilidade aos fenômenos atmosféricos, dentre outros motivos. Mesmo com as mudanças que aconteceram, relacionadas às embarcações, em um determinado dia, José Sales Braz dos Santos me alertou no seguinte sentido: *“não poderemos abrir mão de uma vela (náutica) e de um remo à bordo de uma embarcação a motor”*. Segundo ele, acaso quebre o motor da embarcação em alto mar, a vela (náutica) e o remo podem ser úteis. Mas isso não quer dizer que não podemos inovar e buscar outras alternativas para facilitar a nosso trabalho no cotidiano da vida na pesca. Enfim, a cultura sempre está em constante mudança. Em síntese, tem alguns parentes que falam que não devemos ficar parados no tempo. No meu ponto de vista, foi o que aconteceu. Ao longo do tempo, sempre surgem coisas novas e as pessoas estão sujeitas a experimentá-las e a gostar delas. Neste sentido, foi o que aconteceu com as canoas de madeira a vela. Certamente os pescadores tiveram experiências com as embarcações a motor e observaram que elas eram mais eficientes. No meu olhar, é interessante estarmos abertos a experimentar o novo, mas, por outro lado, não

devemos esquecer da velha prática, pois assim, a qualquer momento, dependendo da motivação que seja, poderemos recorrer a elas.

Ainda na mesma linha de considerações, os trechos acima enfatizam que, as embarcações a motor eram compradas, porém não apontam o local em que elas eram adquiridas pelos indígenas da minha Aldeia. Na minha visão, isso vem acontecendo até hoje. No presente, acredito que a maioria das embarcações mais novas foram compradas fora da aldeia, principalmente de pessoas não indígenas do vilarejo de Corumbau, Prado/BA. E a minoria das embarcações fica na responsabilidade do jovem Tuchê, membro atual da minha aldeia, que tem o conhecimento de produzir embarcações de madeira, como barco e bateira. Isso quer dizer que, dentre as embarcações de pesca que temos na Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha, apenas uma delas foi produzida por Tuchê Pataxó, que é uma bateira de cor azul que fica ancorada em um mourão de madeira no Porto da Ponte da praia da Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha. Conclui-se, que estamos consumindo mais coisas dos outros e deixando as nossas de lado. Neste sentido, deixar de fazer a embarcação Pataxó não é a solução. Uma das soluções é recriar a embarcação velha que está sendo reprovada pelos pescadores atuais e ver o que acontece. Não podemos perder a arte de fazer nossas embarcações, de acordo com a visão do Povo Pataxó!

Dentro do mundo das embarcações que temos na minha Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha, cada uma delas tem característica e formas diferentes. Contudo, isso pode influenciar no momento em que os tipos de pesca forem realizados. Temos embarcações grandes, pequenas, largas, estreitas, pesadas, leves, de madeira, de fibra e de metal. Bom lembrar que, na prática da pesca nas pedras, é melhor o uso de embarcações menores como as bateiras, lanchas e canoas. Então, embarcações menores circulam com mais facilidades dentre espaços estreitos. Exemplo disso é quando realizo minhas atividades de pesca nas pedras do Curumbau-BA. Lá, os espaços entre os pesqueiros são muito curtos. Por isso, quando eu pesco nesse local, eu costumo pescar com bateiras, que é mais fácil de manobrar e de ancorar. Da mesma maneira, ocorre no mangue e nos rios. Nesses casos, então, é melhor o uso de pequenas embarcações. Por outro lado, as embarcações maiores, como os barcos, são melhores para navegar em mar aberto, pois, nesse ambiente, tem mais espaços para fazer manobras. Em algumas situações no uso dos barcos, precisamos fazer manobras longas para chegar ao nosso alvo.

Governar uma embarcação não é tarefa fácil, mas, com a prática diária, a pessoa pega o traquejo da embarcação e as manias do mar que ajudam a navegar. Governar uma embarcação a vela (náutica) não é a mesma coisa que governar uma embarcação a motor. É bem diferente. A embarcação a vela (náutica) é dependente dos ventos para encher as velas e a partir daí ela poder entrar em movimento. Já a embarcação a motor não depende dos ventos para dar partida. A embarcação parte por meio do motor que aciona a hélice e, por sua vez, empurra a embarcação, colocando-a em movimento. Em embarcações a vela (náutica), é comum o uso do remo, enquanto, nas embarcações a motor, utiliza-se a cana de leme e o volante. Do mesmo modo, o remo, a cana de leme e o volante têm a função de controlar as embarcações durante as manobras. Portanto, governar bem, remete a manobrar a embarcação com segurança livrando-as dos obstáculos e permitindo assim a locomoção.

7. FAUNA E FLORA MARINHAS RELACIONADAS À PESCA

No mar que banha a minha Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha, existe uma diversidade de animais e de plantas marinhas que vivem em suas águas salinas e no entorno das praias. Entendemos que uma das formas de conhecer essas espécies é ir ao encontro delas em seus ambientes naturais. Como de praxe, os pescadores da minha aldeia sabem fazer isso muito bem. Pois conhecem várias espécies aquáticas e sabem qual as suas utilidades. Para classificar as espécies marinhas, eles observam os animais e plantas por meio de cheiro, sabor, cor, escama, couro, cartilagem, espinha e assim por diante. Além disso, eles têm o conhecimento dos períodos de captura específicos, que por sua vez usam os calendários de pesca natural, que são saberes que envolvem o ciclo lunar, as marés, os ventos; normalmente, esses saberes ficam nas suas mentes e são passados no território por meio da oralidade e da prática do cotidiano no mar. Distinguir a diversidade marinha não é tarefa fácil, mas, no exercício de suas profissões, houve pescadores de minha aldeia que conseguiram classificar alguns peixes venenosos ao ter contato direto com eles. Em outras palavras, os pescadores foram perfurados e ferroados por algum tipo de peixe venenoso. Dentre os peixes venenosos que conhecemos temos a moreia-tim (peixe-pedra), o pacamum, a arraia/raia e o baiacu pintado. A moreia-tim (peixe-pedra) é um peixe que habita lugares de recife (pedra) e a sua cor é semelhante às cores das pedras do mar, por isso o nome peixe-pedra. Quando a pessoa é perfurada pela moreia-tim (peixe-pedra), ela sente muitas dores,

que chegam a durar vinte e quatro horas. O pacamum é um peixe carnívoro que costuma ficar enterrado na superfície do solo do mar. Normalmente, ele é mais encontrado na beira das praias. Tem cor amarelo ouro e é confundido pelas pessoas porque sua cor é idêntica à cor da areia da praia. Se alguém for perfurado pelo o pacamum pode sentir muita dor. Ele é um peixe pequeno e chega a medir uns 30 cm.

O Baiacu-pintado também é um peixe venenoso. Apesar disso, na minha comunidade há pessoas que costumam comê-lo. Por outro lado, é preciso para isso saber as técnicas para eliminar o veneno do baiacu, senão a pessoa pode morrer. Dentre as espécies mais conhecidas pelo meu povo, figuram o baiacu-espinho e o baiacu tamanco, que não é venenoso. Há uma espécie de baiacu-pintado que não se come, o baiacú xiurim. Ele tem o olho vermelho e bolinhas pequenas em seu corpo. Já o baiacu pintado, que é comestível, tem umas bolas maiores pelo corpo e seu olho não é avermelhado. Costumamos encontrar o baiacu pintado no mar, mas seu habitat preferido são os manguezais. Não devemos nos esquecer das arraias, pois tem algumas espécies de arraia têm de um a dois ferrões no rabo. Uma vez a pessoa é ferroadada, ela pode sentir muita dor e, de acordo com a gravidade da ferida, a pessoa será impossibilitada de fazer suas atividades de rotina por vários dias. No mar que banha minha aldeia, tem várias espécies de arraia como arraia-manteiga, arraia-verde, arraia-pintada, arraia-gereba, arraia-jamanta/manta etc. Há também o cavalo-marinho, que tem uma grande importância na medicina tradicional Pataxó. Ele é usado para tratar de um certo tipo de doença que não sei dizer o nome, mas ela ocorre quando está na Lua Cheia.

Aprender sobre o habitat dos animais marinhos é muito importante para ter sucesso na atividade de pesca, tanto faz se no mar, no mangue, em rios ou em lagos. Há espécies que ficam mais em pedras, em solo arenoso, solo de lama, mas mudam de lugar constantemente. Muitos pescadores acham que essas mudanças ocorrem em função da procura do camarão. Na minha comunidade, existe a expressão “o peixe acompanha o camarão”. Isso quer dizer que, onde tem abundância de camarão, os peixes estão por perto à procura de alimentos, e, neste caso, são os próprios camarões que é a presa dos peixes.

Na atividade da pesca no mar, as algas marinhas são velhas conhecidas dos pescadores da Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha. Isto é, elas prendem-se nas redes de emalhe e dificultam a captura dos peixes e de outros animais marinhos como a lagosta. Quando a rede do pescador

pega muitas algas, eles levam suas redes para o solo das praias para poder limpá-las. Essas algas são conhecidas na minha aldeia por argaço. Esses argaços são a refeição predileta das tartarugas. Os argaços servem também de adubo orgânico, ideais para adubar pé de coco-da-bahia. Para pegar essas algas, meus parentes vão até a beira das praias, enchem os sacos e voltam para suas casas. Elas ocorrem o ano todo, mas são mais abundantes no mês de março e no mês de agosto. No mês de agosto é comum acontecer o vento leste (tempestades passageiras), que é o momento em que mais ocorrem argaços na beira das praias. Nesta época, é tempo do vento leste e os pescadores costumam dizer que o tempo está uma bagaceira, ou seja, tem muitas algas e tempestades passageiras. Do mesmo modo, no tempo do vento leste (tempestade passageira) tem algumas espécies marinhas que são mais frequentes só nessas épocas, inclusive esses animais marinhos levam o nome do vento leste como se fosse um sobrenome. Exemplo: peroá de leste, baiacú espinho de leste, polvo de leste e também o ouriço de leste. No mais eu trago aqui a planta mauí, que é uma planta que tem relação com a fauna marinha e a pesca.

7.1 A PESCA COM MAUÍ

O mauí é uma planta encontrada em boa parte das praias da Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha. Trata-se de uma planta nativa em solo arenoso e salino e, ao contrário do que muitas pessoas pensam ele está presente na história dos pescadores da Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha. Há muitos anos atrás, o mauí era usado na captura de pequenos peixes que circulam nas poças que se formam em recifes submerso. É notável que o mauí funcionava como um tipo de alucinógeno, pois quando ele era jogado dentro das poças, os peixes ficavam tontos, o que facilitava a sua captura. Além de ser útil na pesca dos meus antepassados, atualmente, a semente do mauí é utilizada pelos artesãos da minha comunidade para confecção de artesanatos, como colares, pulseiras e brincos. A respeito disso, Everaldo Braz dos Santos dá o seguinte esclarecimento:

Eles utilizavam o mauí para pegar o peixe. Igual, tipo assim, eles saíam daqui, iam até lá nas pedras do Corumbau, lá fora né, e lá o que eles faziam, eles iam na praia né, cortava aquele feixo de mauí, colocava dentro de uma canoa entendeu, lá vigiavam uma poço raso, lá nas pedras, lá fora né, eles pegavam os pedaços de pau e começavam a raspar ali dentro do poço, entendeu! Aí, só que todo mundo tinha que

ficar calado, não tinha que falar nada né, tinha que raspar e todo mundo ficar em silêncio, aquilo ali, até a água ficar verde né, do sumo do mato né. Quando a água ficava verde, né, em menos de uma hora via os peixes aboiando entendeu, e com aquilo ali, eles iam pegando os peixes né. Eles pescavam também dessa forma né.

Como descrito pelo senhor Everaldo Braz, é claro que esse tipo de pesca emprega uma ciência natural, oriunda do povo Pataxó. Pois essa pesca era dotada de segredos principalmente quando os atores envolvidos eram obrigados a ficar em silêncio. Hoje na minha comunidade não se pratica mais a pesca com o mauí, a entrada de novas técnicas contribuiu para recriar a velha pesca com o mauí. No entanto, Isso não quer dizer que a pesca com mauí foi esquecida, ela está presente em nossa história.

8. ARTEFATOS DE PESCA

Além do conhecimento que os pescadores Pataxó da Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha tem sobre a vida dos animais aquáticos, eles possuem técnicas diferentes que variam de povo para povo. Na pesca, é comum o uso de artefatos de captura que varia de ambiente para ambiente, porém ligadas ao mar. Na Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha o uso de artefatos na captura de animais marinhos como peixes e mariscos é uma prática bem antiga. No entanto, com o decorrer do tempo, alguns dos artefatos foram deixados de lado e as portas foram abertas para as novas novidades, neste sentido chamo a atenção para a constante mudança da cultura que pode ser para o bem ou para o mal. Dentre umas das práticas de pesca que foi deixada de lado pelo fato da sua insuficiência referente aos modelos de artefato, foi a pesca com o mauí. Para entender como alguns artefatos de pesca se fizeram presentes no cotidiano da prática dos pescadores Pataxó de minha comunidade precisamos voltar no tempo e observar como que isso foi acontecendo e a partir daí tirarmos as nossas conclusões e buscar o entendimento de como isso está acontecendo no presente. Para nos situar no tempo trago o trecho de uma entrevista do meu entrevistado que conta um pouco dessa história. Neste trecho encontraremos um conhecimento tradicional do

povo Pataxó ligado ao conjunto de métodos e procedimentos de pesca e suas mudanças no cotidiano a partir de uma pergunta lançada ao entrevistado Everaldo Braz dos Santos:

C: Quais eram as técnicas e ferramentas mais utilizadas pelos pescadores da Aldeia Barra Velha antigamente?

E: O que eles mais utilizavam, né, era a rede de arrasto, entendeu! Tinha a pesca de linha de mão que eles não iam tão fora, falava que era o Pacuim, local que eles falavam que iam pescar na lama, e a pesca também, que é uma peca cultural, entendeu? Que é a pesca com o mauí. Eles utilizavam o mauí para pegar o peixe...eles pescavam também dessa forma né. E a outra forma também, que eles não tinham, porque não tinham naylon para fazer a rede, que ainda cheguei a ver ainda, era a rede de fio de tucum né, inclusive era o seu Cosme que fazia esses tipos de rede com o fio do tucum, né. Igual hoje, tipo assim né, hoje a gente usa a corda de naylon para fundiar ou amarrar uma rede entendeu, mas antigamente não, antigamente usava a embira para fazer a corda. Dá madeira chamada pau-de-embira, tirava a casca né, tirava a fibra chamada embira para fazer a corda. Inclusive quem era o fazedor de corda dos índios era o velho Júlio né, ele tinha um bulinete entendeu, aí na Rua de Baixo, ele mais a velha Santa, mulher dele, que era eles que faziam corda. O pessoal vinha e encomendava as cordas e ele fazia de embira. Aí depois de algum tempo entendeu, ele deu de andar pela praia e deu de achar aquelas cordas grossa de navio. Aí o que ele fazia, ele desmanchava aquelas cordas toda, que era grossona né, e tirava os fios das cordas e começava a fazer já a corda de naylon entendeu. Era assim que ele fazia entendeu, para ter uma corda para afundiar uma canoa, até mesmo para pescar entendeu, utilizava na rede de fundo, na rede de arrasto mesmo, que depende de muita corda.

Mais à frente outro entrevistado, José Sales Braz dos Santos reforça o dialogo sobre as mudanças na aquisição de novos instrumentos de pesca:

Na época que a gente pescava, não existia linha de nylon, a gente pescava com linha urso e linha de tucum. Hoje o pessoal, se não tiver linha de nylon e outras coisas, o pessoal não pesca.

Hoje na minha comunidade algumas das técnicas e uso de artefatos que foi levantada pelos meus entrevistados não se faz mais presente, como: a pesca com a planta mauí, a rede de emalhe de linha de tucum (espécie de palmeira) e a corda de embira que era confeccionada coma a fibra da entrecasca da árvore pau-embira. Essas velhas práticas só estão na memória. Respeitosamente agradeço aos nossos parentes, antigos pescadores de modo geral, verdadeiros pioneiros da pesca na minha comunidade, que conseguiram fortalecer cada vez mais os conhecimentos da pesca no território mesmo com as mudanças que ocorreram no cotidiano. Chamo a atenção a necessidade de os nossos jovens conhecerem as lutas dos nossos pescadores para podermos fazer delas as nossas ferramentas de luta para podermos manter os saberes circulando no território. Para buscarmos uma ação neste sentido, acredito que umas das iniciativas é levar a criança ao encontro dos saberes que circulam no território principalmente buscar o entendimento da história da pesca na Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha para eles não pensarem que a pesca sempre foi como está no presente. Como já vimos um pouquinho de como eram os artefatos antigos e algumas técnicas empregadas, agora trago um cenário atual sobre os artefatos de pesca que temos no presente. Entendemos que para cada tipo de pesca tem que ter um artefato adequado para facilitar a captura da espécie desejada. Na época presente temos as redes de emalhe com malhas em tamanhos diversos, rede de arrasto de praia, anzol de tamanhos variados, chumbada, espinhel/grozeira, bicheiro de dois portes, linha de nylon, boia apara sinalização, balão de pesca, destorcedor, tarrafa, e assim por diante. Vimos que na atualidade temos inúmeros artefatos de pesca, mas o que me chama a atenção é que um dos apetrechos de pesca antigo ainda permanece circulando no nosso meio. Esse artefato é a rede de arrasto. A rede de arrasto é própria para capturar peixes que ficam nas imediações da costa das praias. Hoje temos muitos artefatos de captura e pouco peixe, pois segundo meus entrevistados a falta de peixe no nosso espaço de pesca é uma ferida que nunca cura pelo fato de nossa área ser explorada sem controle por pescadores de outras regiões em outras épocas. Vejamos o que fala José Sales Braz dos Santos sobre este assunto: “Rapaz, o que tá faltando hoje é o que sobrava antigamente...todo tempo o

peixe era bom. Todo tempo nós pegavam peixe. Não existia negócio de arrastão de pegar camarão, isso não existia! Quer dizer, hoje existe isso tudo!” José Sales Braz dos Santos nos traz um tempo de fartura que porventura durou pouco tempo desde que o nossa costa marinha foi visada por pescadores de outras localidades. A respeito disso, Everaldo Braz dos Santos reforça a fala de José Sales Braz dos Santos e ao mesmo tempo anuncia as mudanças que se tornaram problemas para os pescadores locais.

Rapaz, antigamente essa questão aqui era menos visado na nossa região, porque só existia mesmo a pesca artesanal entendeu, era a pesca de pequeno porte, a pesca que você saia daqui, ia ali fora da pedra, na beira da praia, pegava o peixe e voltava para casa. Não existia esse problema de grande embarcação né, porque não era visado, vou dizer assim, essa parte dessa localidade nossa aqui, era intocável praticamente que ninguém tinha descoberto. A partir do que ela foi descoberta! Você tem mais ou menos uma data assim? Eu digo assim, eu vou dizer assim, isso aqui foi descoberto, tipo assim, pesca, vou dizer industrial entendeu, ela foi descoberta aqui mais ou menos em 1990 entendeu. Em 1990 aí, veio as embarcações de grande porte aonde eu estou falando que a gente chamava de geladeira entendeu, barco de outras regiões né, que era barco de Campos, de Nova Viçosa, de Valença entendeu, chegou barco de Alcobaça, Prado, Porto Seguro entendeu.

O senhor Braz dos Santos no trouxe uma situação problema de devastação da nossa área de pesca principalmente com o uso do apetrecho de pesca conhecido por balão de arrasto que são conduzidos por barcos motorizados. Vendo o seu território de pesca sendo explorado no sentido de acabar com os pescados existentes, os pescadores locais do Vilarejo de Corumbau-BA, vizinhança da minha comunidade fez alguns manifestos que resultou na apreensão de algumas embarcações dos pescadores de Prado-BA e Alcobaça-BA. Aonde o objetivo maior era chamar a atenção das autoridades para poder resolver a situação corrente. Na época o movimento estava na

liderança do pescador Milton e Norato Poeta do Vilarejo de Corumba-BA, que no momento foi abraçado pelos demais integrantes da comunidade. A partir de 1996, com a partida dos movimentos dos pescadores locais do Vilarejo de Corumbau-BA e ao mesmo tempo a causa foi abraçada por outras comunidades circunvizinha, foi criada a RESEX Corumbau, que é uma Unidade de Conservação de uso sustentável. Agora eu trago um trecho em que Everaldo Braz dos Santos enfatiza os objetivos de criação da RESEX Corumbau:

A RESEX foi criada para resgatar os peixes que estão acabando, para tirar os pescadores de fora de dentro de nossa localidade aonde a gente pesca. A RESEX foi criada só para os nativos utilizar, aonde envolveu sete comunidades, que foi: Curuípe, Caraíva, Barra Velha, Corumbau, Japara, Baçuaba e Cumuruxatiba. E Veleiro, esqueci do Veleiro. Essas comunidades, Milton buscando apoio junto com Guilherme na época, que era um representante do IBAMA, buscando apoio das comunidades para criação da RESEX para que os pescadores tivessem liberdade de pegar o peixe, vamos dizer assim, mais próximo da praia. Que pra isso que foi criado a RESEX, para o pescador pescar, para dá uma qualidade de vida melhor. Aonde outros pescadores vinham de outras regiões tirar o sustento de nossas comunidades. O foco da RESEX foi esse entendeu, de tirar na verdade as embarcações, que estava depredando a frente aonde a gente vive. Aonde a gente tirava nosso sustento. Em vez dá gente está tirando nosso sustento daquele local não, quem estava tirando era outras pessoas, que foi pra isso que foi criado a RESEX, para dá sustentabilidade aos nativos daquele local, e da garantia de vida, qualidade de vida melhor para os pescadores e segurança.

Como visto no trecho acima Everaldo Braz dos Santos deu uma boa explicação sobre os objetivos da RESEX Corumbau. Mais à frente Everaldo Braz dos Santos fala da organização dos pescadores dentro do espaço RESEX a partir do plano de manejo ou plano de uso:

O plano de manejo é feito pelas comunidades. Por isso que acontece reuniões em todas as comunidades para ser elaborado o plano de manejo, de que forma vai ser utilizado o espaço marinho, o espaço RESEX. Aí o que acontece com isso, o plano de manejo é para você saber usar e saber também preservar. Não só pescar, tem que preservar também entendeu, que no plano de manejo tem todas as áreas que pode pescar e as que não pode pescar e tem regras que o pescador pode fazer, o que pode e o que não pode entendeu, se ele, um exemplo aqui na nossa frente no plano de manejo tem dois quilômetros que não pode baloar a noite. Aí vem o pescador a noite e baloa neste local, ele tá cometendo uma infração, porque no plano de manejo diz que ele não pode baloar ali dentro a noite. O plano de manejo é para o pescador saber usar o espaço RESEX, o espaço da água, de que forma ele está utilizando aquilo ali, e ele é o próprio responsável por aquilo. Que dentro da RESEX existe um conselho deliberativo e o extrativista, o extrativista somos nós os pescadores, mais dentro do extrativista tem o conselho deliberativo também que tem a participação dos extrativistas. O que ver o certo e o errado entendeu, que é para concertar, o que tiver certo tá certo e o que tiver errado tá errado. Mais tem que concertar o errado para fazer o certo. O plano de manejo é mais pra isso, chama plano de uso. É um plano que todos os pescadores trabalham encima dele, de preservar e tirar o sustento. É uma garantia quem os pescadores tem para outras embarcações não está dentro de suas localidades.

Mesmo com essa organização Everaldo Braz dos Santos me contou que ainda tem problemas no espaço RESEX, pois falta fiscalização e tem extrativistas que desconhece o papel deles dentro da RESEX e acaba descumprindo com as regras que são para todos. A RESEX Corumbau tem um limite só, porém é subdividida em dois limites sendo identificado por limite do sul e limite do norte. Neste caso as comunidades do sul não pode pescar no limite de pesca dos extrativistas do

norte e assim-vice versa. Como visto, para pescarmos em paz no espaço marinho que temos hoje, houve enfrentamentos e lutas de muitas pessoas que também deve ser lembradas pelas futuras gerações, no sentido de motiva-los para eles defender a bandeira da luta da pesca que nunca acaba. Saberes sobre a pesca também envolve as lutas e os movimentos que os seus atores envolvidos travam no cotidiano para resguardar as suas práticas de pesca.

9. PESQUEIROS E PONTOS DE REFERÊNCIA

Ficar atento em tudo o que acontece no território marinho também envolve conhecimentos ligados aos pesqueiros e aos pontos de referência. Desde há muito tempo, os pescadores da Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha têm suas próprias maneiras de identificar e de marcar os lugares de pesca no mar, nos mangues, nos rios e nas lagoas sem a necessidade do uso de aparelhos tecnológicos como a bússola, a sonda e o GPS. De certa forma, os pescadores sabem fazer isso muito bem, pois eles mapeiam o mar de certa forma, que tais conhecimentos de localização ficam nas suas mentes. Na verdade, essa prática se desenvolve durante as idas e vindas das atividades de pesca, ou seja, no convívio do dia a dia da profissão. A respeito disso, José Sales Braz dos Santos, pescador antigo da Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha, dá o seguinte esclarecimento:

Rapaz, isso aí a gente aprende devido quando você vai pescar com as pessoas que já sabe, muitas vezes você sai para pescar, você sabe que está aqui em cima de um cabeço, mas você não sabe que ali na frente tem outro cabeço. Você sai daqui vai arrastar lá, você já pega um cabeço lá na frente. Num que você pegou lá, você já marcou ele, pelo monte e pelas as árvores em terra, aí já é um pesqueiro que você já conseguiu a ter ele na sua memória. Tudo quanto é canto aqui que o cara vai, você pode olhar aqui, os caras sai daqui e o Artim tá lá, os caras arrastando não passa em cima do Artim, só porque das marcas. Os pesqueiros é pelas marcas.... O Monte Pascoal é a principal marca dos pescadores.



Foto: Monte Pascoal visto do alto mar em frente a Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha.

Mais adiante, Everaldo Braz dos Santos, pescador atual da Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha, reforça sobre as principais marcas que os pescadores Pataxó da minha comunidade usam para se orientar nas rotas náuticas e na identificação dos pesqueiros.

Tipo assim né, o pescador de nossa região usa mais o Monte Pascoal como referência. Porque o Monte Pascoal é uma baliza, o ponto de referência dos pescadores. Aonde indica todos os pesqueiros, o Monte Pascoal, é a marca que agente utiliza para pescar em alto mar. É o Monte Pascoal, o farol de Corumbau e os dois montes pequenos, que é conhecido por Monte de Rabixo. São eles as principais marcas que indicam os pesqueiros para a gente.

No trecho acima, José Sales Braz dos Santos nos ensinou como marcar os pesqueiros no mar. Agora trago aqui a versão de Everaldo Braz dos Santos, que diz respeito a como procurar os pesqueiros, usando as marcas que ficam em terra firme:

Vamos dizer, a gente vai pescar no alto de Barra Velha. Aonde está o Alto de Barra Velha? O alto de Barra Velha está, os dois Monte de Rabixo saindo da Mata da Onça, com a Ponta de Cumuruxatiba toda aberta. Aí tá encima do Alto de Barra Velha. Muita gente fala no Alto do Calugí. Aonde fica o Alto do Calugí? É com o Monte Pascoal encima do Céu. Fica entre Filó e o Céu, que é o Calugí entendeu? É o Monte Pascoal encima dos coqueiros da velha Josefa ali. É por isso que é dado o nome do Alto do Calugí. Porque? Porque é um local que tem cabeça mais sartiado, tem mais cascalho entendeu...Essa são as formas de conhecer os pesqueiros e saber aonde está pescando.

Nesta mesma linha, Everaldo Braz dos Santos nos ensina como colocar a armadilha conhecida por espinhel/grozeira na beira de um pesqueiro chamado de Alto de Barra Velha, usando o conhecimento dos pontos de referência naturais, veja o que ele diz:

É muito simples. É o Monte de Rabixo! É não deixar o Monte de Rabixo sair da Mata da Onça. É não deixar! Se ele apontou para sair da Mata da Onça, você já está na beira do Alto de Barra Velha. Na beirinha! É como daqui para essa sandália. Se você vai colocar um espinhel entendeu? Você tem que deixar o Monte de Rabixo... você tem que distanciar ele para fora da mata. Você calcula... Porque lá no alto mar você não vai medir distancia... mais pela consciência da gente, a gente fala! Você tem que deixa ele distante, no mínimo, mais ou menos uns dois metros de distância, que dá para você soltar o espinhel e as redes. Esse que é o segredo! E existe também o canal que divide o Alto de Barra Velha e o canal de Corumbau. Os dois Montes de Rabixo sai todo. Aí tem que saber entendeu? Que fica mais para o Sul. Você põe o Monte Pascoal encima de Mané Pirão, com os Montes de Rabixo pegando os dois coqueiros que tem! Que afasta um canal de um lado e um canal de outro lado, que é um canal no meio entendeu? Aí você pode soltar espinhel, soltar rede que não pega em pedra.

É nesse vai e vem de procura dos pesqueiros que nós conseguimos nos organizar para armar nossas armadilhas e saber quais os pesqueiros estão melhores para pegar os pescados como peixe, camarão, lagosta, dentre outros. No exercício da atividade, os pescadores costumam se comunicar entre si, para informar onde está bom para capturar as espécies almejadas. Um vez dadas as coordenadas, o pescador vai buscar o local certo e fazer o seu tipo de pesca. Neste caso, é interessante que o pescador já tenha o conhecimento de como identificar os pesqueiros pelas marcas da natureza, como citado no trecho que Everaldo Braz dos Santos ensina como procurar um pesqueiro, usando as marcas que estão em terra firme. Ao contrário, há pessoas que usam aparelhos tecnológicos para identificar esses pesqueiros. No entanto, na minha comunidade, poucas pessoas usam desses artifícios nas suas práticas de pesca atualmente. No presente, quem tem um desses aparelhos tecnológicos (sonda náutica) na minha aldeia é meu irmão Humberto Júnior Braz dos Santos e o meu primo Cássio de Sá Câmara, que são dois jovens pescadores. Uma das funções da sonda náutica é marcar a profundidade e identifica pedras no fundo d'água. Segundo alguns pescadores, essas sondas náuticas tem suas vantagens, pois elas facilitam a vida do pescador no sentido de gastar menos tempo na procura dos cabeços (pedras submersas) no mar aberto.

Os pontos de referência naturais não servem somente para procurar pesqueiros no mar ou em outros lugares marinhos. Eles funcionam também como um meio de orientação para os pescadores se situarem no ambiente para não ficar perdidos, acaso saiam da rota que o pescador costuma fazer no espaço marítimo. Na minha aldeia, nós não pescamos em lugares distantes onde possamos perder o Monte Pascoal de vista. Apesar de o Monte Pascoal ser muito alto, acaso um dia o pescador for pescar e deixar ele sumir de vista, tem que descobrir outros meios de orientação que a própria natureza nos ensina para a gente conseguir chegar a terra firme, à nossa casa. Como nunca passei por uma situação dessa, de passar dos limites da visão do Monte Pascoal, eu já ouvi alguns pescadores Pataxó da Aldeia Indígena Pataxó falarem que uma das formas de descobrir a nossa rota náutica para voltar para terra firme, acaso o pescador perca o Monte Pascoal de vista, é observar as ondas do mar. As ondas do mar são então boas indicadoras para nos ajudar a chegar a terra, porque elas só vão no sentido da terra firme. Outro modo é observar o percurso que fazem alguns astros no céu, como o Sol, a Estrela D'alva, a Lua e outros. Muitos pescadores de minha aldeia acreditam que os astros circulam no céu no sentido leste a oeste e é, neste sentido, que eles indicam a terra firme. Dessa forma, é só observar onde o sol

nasce em relação ao lugar onde a pessoa mora e, a partir daí, acompanhar o caminho do Sol, que ele pode trazer o navegador perdido para terra firme. Uma vez, quando eu estava pescando em alto mar, eu testemunhei esses conhecimentos mencionados de acordo com a visão de meu velho e fui contemplado com o efeito positivo deles! Vou relatar um pouco dessa experiência, contando uma pequena história que aconteceu comigo e com meu pai Txui Pataxó.

Certo dia, eu e meu pai Txui fomos pescar em alto mar à noite. Quando chegou o horário das cinco horas da manhã, apareceu uma imensa nuvem de fumaça no mar que atingiu todas as direções da região em que estávamos pescando². Vendo aquilo, ficamos espantados, porque a nuvem tampou os pontos de referências que estávamos acompanhando. Ficamos aguardando essa brisa de fumaça passar por um bom tempo, mas ela não passava e não conseguíamos ver o Monte Pascoal, que era o nosso principal ponto de referência naquele momento. Então, chegou o horário de retornarmos para casa, por volta das sete horas da manhã, mas ainda tinha muita fumaça... Então, eu me virei para o meu pai e perguntei: *“e agora? O que vamos fazer para irmos para casa já que não conseguimos enxergar nada em terra firme?”* Meu pai me falou o seguinte: *“Xorró, mais ou menos umas quatro horas da manhã, eu percebi que o vento terral estava na direção de Caraíva! Uma vez a gente indo na direção que veio este vento, a gente pode chegar em terra.”* Daí, ele repetiu novamente: *“observe as ondas, e o Sol... eles sempre vão no sentido à terra firme!”* Segui então o conselho do meu velho pai. Eu nem sabia o que fazer, então, eu liguei o barco e segui as coordenadas do meu “coroa”! Não vendo nada na minha frente, só fumaça, eu continuei o trajeto... Só que, em um determinado momento, me deu certa desconfiança, porque estava demorando para chegar em terra firme. Pensei em falar para meu pai que estava com sono e que iria lhe passar o barco para ele ir governando... para que, se acaso estivéssemos indo na direção errada, eu não levasse a culpa... Realmente eu estava com dúvida! Se eu estava governando o barco na direção certa ou não! Daí eu dei o barco para ele governar e fui descansar de mentirinha... o coroa acelerou o motor do barco e continuou o trajeto o qual ele mesmo tinha me passado... Aí eu deitei dentro da casaria do barco e comecei imaginar coisas...

² Nesta época estava acontecendo um incêndio florestal na minha comunidade e, de madrugada, o vento que vem de terra, conhecido pelos pescadores por terral, empurrava as fumaças para o alto mar, impedindo a visualização dos pontos de referência naturais. Por mais que houvesse fumaça, ela não prejudicava a nossa respiração, apenas dificultava a nossa visão no sentido de não enxergar as coisas que estavam a longa distância.

Daí o tempo foi passando, passando... e, de repente, meu pai encontrou um pescador conhecido como Ita, que estava pescando no pesqueiro conhecido como Alto de Barra Velha..., Aí, comigo mesmo! Já com o sorriso no rosto... não é que o meu coroa estava certo mesmo? Então, eu refleti...”é, se estamos encima do alto de Barra Velha em sentido à terra, então, estamos no caminho certo... daqui uns quarenta minutos chegaremos em casa”. Só que já eram umas oito horas da manhã e não conseguíamos visualizar a direção do Porto da Ponte da Aldeia Barra Velha! Todos alegres, o velho Txui continuou o trajeto... De repente, encontramos vários pescadores da Vila do Corumbau-BA, baloando (pegando camarão) em um lugar de pesca chamado de Pacuim... Aí comigo mesmo... eu imaginei! Já estamos pertinho de casa... do Pacuim para aonde o nosso porto estava, faltava uns quinze minutos... Sei que no final das contas conseguimos chegar em terra e só foi alegria....

Concluindo sobre o que eu passei nessa pequena história, eu posso dizer que eu aprendi muitos conhecimentos sobre os pontos de referência naturais que são relevantes à minha profissão de pescador. A meu ver, a natureza nos traz os problemas e ao mesmo tempo ela traz a solução também. Viver uma história como a por que eu passei é um ponto de partida para poder refletir sobre a importância que têm os saberes tradicionais sobre a pesca e sobre como eles podem nos servir no cotidiano. Por isso é importante que eles sejam passados para as futuras gerações.

10. LEITURA DA NATUREZA E A PESCA (ASPECTOS RELACIONADOS AO MAR E AO TEMPO)

Desde a antiguidade, o meu povo Pataxó conhece os ciclos lunares e utilizam a Lua para diversos fins. Na minha aldeia, não é diferente. No presente, os pescadores da minha comunidade usam os conhecimentos dos ciclos lunares para identificar as marés para pesca no mar, no mangue, no rio e nos lagos. A esse respeito, vejamos o que José Sales Braz dos Santos fala sobre a relação da pesca com a maré:

“A gente pescava também devido às marés e devido às luas. E tem lua que a gente pega mais peixe e tem lua que você não pega nada. Na Maré Grande mesmo, você vai pescar aventura! E nos lançamentos das luas, a gente pega mais uns peixes.”

De acordo com o relato de José Sales, é evidente que a Lua e a maré são bons indicadores para fazer uma boa pescaria no mar. Esses saberes, para os que praticam a pesca, são muito importantes, como meio de orientação. Pois é por meio desses conhecimentos astronômicos que sabemos qual é a maré boa para pescar os peixes e para catar os mariscos. Dentre as fases da lua, acontece a maré grande, a maré morta, a maré de lançamento ou maré de quebra e a maré igual. A maré de lançamento ou maré de quebra é quando a lua está na passagem de uma fase para a outra (cheia para minguante), que dura mais ou menos de dois a três dias e esse é um bom momento para pescar.

Everaldo Braz dos Santos reforça sobre a relação da pesca com a maré e, ao mesmo tempo, ele nos ensina como descobrir as marés pela observação das fases da Lua:

“Rapaz, tipo assim! A época de maré, eu conheço ela até de longe, fora da praia, eu sei qual a época da maré. Para a ciência são nomes diferentes, já o pescador conhece pelo critério dele, pela teoria dele, pela prática, né? Vamos dizer. Maré grande, a maré grande só dá na época de Lua Nova e na época da Lua cheia. A gente conhece a maré pela Lua.! É tanto que a gente fala assim: hoje é dia de Lua Cheia, mas amanhã a maré é igual. Porque que a maré é igual? Porque ontem foi Lua Cheia, então, amanhã a maré é igual, porque ela ainda não

quebrou ainda. A gente sabe que a maré só quebra após três dias que a maré deixa de ser maré grande para ela quebrar... É igual na Lua Nova, a partir que a lua apareceu o primeiro risco a maré tá igual, quando ela tá toda escura que ninguém ver ela, é dia de maré grande...e, a maré morta ela dá nas duas fases... como ela dá na fase de lua nova e dá na fase de lua cheia. Um exemplo: você olha para a Lua aqui, que a Lua já começa a desquadrar, é porque a maré já está morrendo.”

Mais à frente, José Sales Braz dos Santos comenta sobre a relação do tempo com a pesca a partir da seguinte pergunta: “Qual a melhor época para pegar peixe no ano?”

“A melhor época de pescar o peixe é no verão, no mês de janeiro, fevereiro, que o mar tá manso e não tem muito imprevisito. E no inverno, é isso que você tá vendo aí. Nesse mês agora (agosto), acabou cinco ou seis embarcações. (silêncio) O feriado do pescador é o tempo.”

Nesse trecho, José Sales Braz dos Santos coloca a importância dos saberes que envolvem a pesca, usando como referência as estações e os meses do ano. Por outro lado, percebi que os pescadores da Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha dividem as estações do ano somente em inverno e verão. Para eles, o verão é entre os meses de dezembro a março e o inverno é de abril a novembro. No entanto, as suas atividades pesqueiras acontecem dessa forma também. Além disso, há a importância de analisar a pesca, usando o conhecimento do dia e da noite. Pois, no decorrer de suas experiências, eles perceberam que os peixes mudam de hábito frequentemente. Neste segmento, os pescadores Pataxó de Barra Velha costumam falar que os peixes estão pegando mais à noite do que durante o dia e vice-versa. Identificar o momento de pescar através do dia e a noite também é uma boa opção para quem quer ter sucesso na pescaria. Ainda nessa mesma linha de considerações, José Sales Braz dos Santos afirma que “o feriado do pescador é o tempo.” Essa fala relaciona-se às consequências do clima, quando ocorrem grandes tempestades, principalmente quando o vento que sopra vem do sul. Esses dias são mais frequentes no inverno. Nesse dia, o pescador fica em casa esperando o tempo melhorar, virando um feriado. O saber a respeito da temporalidade climática é essencial na atividade pesqueira, pois esses conhecimentos são fundamentais para reduzir as incertezas sobre as previsões do tempo. Segundo os pescadores

mais experientes, quando o pescador for pescar, ele tem que ficar bem atento para tudo o que está acontecendo à sua volta. Observar o movimento das nuvens, a posição dos ventos, as calmarias, o aparecimento de uma ave conhecida por garapirá ou tesoureiro que é um passarinho que indica a chegada do temido vento sul, dentre outros ventos. Uma vez o pescador estando atento a esses acontecimentos, ele poderá cumprir o seu trajeto com mais segurança. Mas, mesmo com essas recomendações, sempre tem os pescadores que desafiam a natureza e vão se aventurar em tempos não apropriados. Nessas situações, já ocorreram alguns naufrágios, principalmente com embarcações à vela, que são mais vulneráveis a grandes temporais. Daí, sempre na comunidade de Barra Velha os pescadores usa a expressão “o mar não tem cabelo para segurar”. Essa expressão é sempre dirigida aos pescadores que gostam de pescar quando o tempo está ruim.

José Sales Braz dos Santos completa sobre a influência dos ventos na pesca em outra parte da entrevista, conforme mostra o dialogo abaixo mantido com o entrevistador:

C: Quais os tipos de ventos que você conhece?

J: Rapaz, em primeiro lugar eu conheço os quatro vento principal né, que é Norte, Sul, Leste e Oeste. Os quatro vento principal. Agora aí vêm as quartas do vento né, que são vinte e cinco ventos com as quartas.

C: Quartas de vento?

J: As quartas de vento né. Aí que vem o Lenordeste, Terral de Norte, vem Sueste, vem Leste, aí vem muncado de quarta de vento, mas o vento principal mesmo são quatro: Norte, Sul, Leste e Oeste.

C: Como que a pessoa consegue analisar o ambiente e saber que vai chegar tal vento? Tipo assim né, tá o vento Sul agora, colado aí, e, de repente, o vento muda para outra posição, teria como o senhor descobrir essa informação sem a utilização da televisão ou de outro aparelho?

J: Tem, se o vento parar aqui, da onde o vento tá, o mar zoa, da onde o vento vem o mar zoa. O mar é um sinal do vento. Você pode olhar, o mar zoa aqui, quando o vento tá norte você ver o mar zoar aqui ó, (apontou o braço sentido ao norte) o vento tá Leste o mar poca aqui ó, (apontou o braço sentido ao Leste) o mar é o sinal do vento.

C: Qual desses ventos é mais perigoso?

J: O vento Sul e o Oeste. O Oeste quando vem forte é o pior que tem, que é vento de meia hora, duas horas, mas acaba com tudo, tipo um “tufãozim”. A não ser o vento Sul.

C: Tipo assim, o senhor acorda de madrugada para ir pescar no mar. Qual a primeira coisa que o senhor faz? O senhor dá uma analisada no tempo, para ver se aquele dia não oferecerá nenhuma situação de risco para a sua vida? O senhor analisa o quê primeiro?

J: Rapaz, agente analisa o tempo! E só que o vento é um trem traiçoeiro, o vento é traiçoeiro, traiçoeiro é o vento, principal o vento Sul, que é o vento mais traiçoeiro que nós tem. Que muitas vezes amanhece o dia e você olha aqui e vê o mar tá zoando no norte, você sai e lá fora você vê dar aquela parada toda, aquela parada, quando você vê lá fora que parou e você viu uma barra suspender lá no Sul assim, uma barra preta com branca, você pode sair fora que o vento vem de arrebrantar, o vento mais traiçoeiro que nós tem é o vento Sul, é um trem que a gente, qualquer vento trai a gente, mais igual o vento Sul não tem não. É mais traiçoeiro que tem, vento Sul é igual pistoleiro. (Risos)

Neste diálogo, que mantive com o meu entrevistado, percebi uma diversidade de saberes que envolvem a atividade pesqueira. Portanto, notei que conhecer os ventos é uma tarefa fundamental para quem se habilite a explorar os espaços marinhos. Pois, desconhecer o que cada um deles representa significa o sucesso ou o tormento nas atividades de pesca.

Ainda nesta mesma linha de pensamento, vale notar a contribuição de Everaldo Braz dos Santos ao referir-se à influência dos ventos na pesca. Vejamos o que ele tem a nos dizer:

“Para tipo assim né, toda mudança de tempo, quando você tá lá fora, o peixe come para ver a bagaceira mesmo! Eu já analisei isso! Inclusive eu mesmo mais o seu pai, já entrei numa dessa entendeu? Vou contar um pouco dessa história: Nós estava lá fora pescando nós dois, e aí as guaiuba e os ariacó começou a comer entendeu? E nós começamos a pegar peixe... Aí eu enchi um samburá e ele encheu outro entendeu? Aí quando nós olha, o vento Sul topou, o vento Sul topou... Lá fora também tava Laurito e Nereu numa canoa, tava eu mais seu pai em outra canoa né e tava Bernardo Purga, Biriba e um gringo chamado

Jesus em outra canoa também. E aí só que o vento Sul pegou todo mundo lá fora! Biriba não pegou a direção de Caraíva. Biriba deu lá em Satu, conseguiu alcançar Satu. Nereu botou o pano, não sabia se acudia a canoa, ou se acudia o pano entendeu? A canoa enchendo de água entendeu? Eles deram lá na Pedra do Negro. E eu mais o seu pai que foi o pior né! Quando seu pai foi colocar o pano na canoa entendeu? O vento encheu o pano, que o pano saiu voando por cima da água, a gente ficou só com um pano pequeno. Aí o tempo quebrou de água, de chuva, a gente não via direção nenhuma. Aí teve uma hora quando eu olhei a gente estava perto de Juacema. Eu falei assim: Cosme, vamos tirar esse pano e vamos remar cara! Aí colamos no remo nós dois. Nós tinha saído lá de fora umas dez horas, aí colamos no remo, nós dois. Aí quando eu olhei a gente já estava defronte aqui o Céu, os coqueiros do Céu aí né? Eu falei: rapaz vamos colocar o pano de novo! Aí colocamos o pano e cortamos para terra, caindo, nós cortando para terra... Aí quando nós chegamos na praia, pai já tava lá, que ia para Porto Seguro, estava acenando né. A gente não tinha visto ele não. Ele estava acenando com uma camisa, quando a gente olhou a gente estava defronte Boca Roxa, na ponta do coqueiro de Caraíva. A gente passou por cima daquelas pedras grande, debaixo de vento, que nós não viu. A onda pegou a gente e jogou lá no seco, já pegou e deixou lá! Parece que foi pegado e colocado com a mão entendeu? É tipo assim, o peixe na época quando vai acontecer o temporal parece que ele atrai o pescador, atrai o pescador... É nessa aí, que muitas vezes, muitos pescadores morrem! Porque ele ver o peixe comendo ali, insistindo, insistindo, insistindo... Igual, eu já ouvi história de pecadores que já morreram debaixo de temporal... Muitas vezes é influenciado muito através dele tá ali pegando o peixe. O peixe faz com que o cara né, quase tipo assim, uma ambição né!

Essa história de Everaldo Braz dos Santos enfatiza a influência do tempo (vento) no comportamento dos peixes e os perigos que isso pode ser de acordo as mudanças dos ventos. No

entanto, este saber tem muito a nos ensinar, afinal, uma simples mudança de tempo pode favorecer a pescaria. Mas, por outro lado, a história de Everaldo Braz dos Santos mostra que insistir em pescar em passagem de ventos furiosos pode ser fatal.

Na próxima e última seção, apresento integralmente uma história contada por meu irmão. Conforme o leitor poderá perceber, ela se relaciona a como o mar pode ser perigoso para o pescador.

.

11. O MAR NÃO TEM CABELO PARA SEGURAR! A HISTÓRIA DE HUMBERTO JÚNIOR BRAZ DOS SANTOS (WIRAPURÚ PATAXÓ)



Foto: Wirapurú Pataxó

Meu nome é Humberto, tenho 31 anos. Nasci no mês de maio no ano de mil novecentos e oitenta e seis. Moro na aldeia Barra Velha, fica localizada no Extremo Sul da Bahia. Sou casado. Tô com um kitoki aí para ser nascido agora nesse ano de 2018. E estou aqui para contar um pouco a minha história de vida, né. História de pescador quando a gente fala: sempre história de pescador muitas pessoas lembra, pescador é mentiroso e aqui... tudo mais né?

Mas realmente foi uma história qui... Só de falar a gente, de pensar realmente a gente fica muito emocionado, né? Porque foi um fato verídico, um fato que aconteceu, e a gente nunca espera passar pelos momentos desse, né? E foi um... acidente que aconteceu no mar, próximo aqui à costa da aldeia mesmo, mas um momento de sacrifício muito grande, né?

Assim, de início, a história começou da seguinte forma. Isso aconteceu no mês de julho, onde... né, o meu parente, o índio Beija-Flor, ele me chamou para ir buscar umas redes dele lá no Pacuím, né. Que é aqui próximo à aldeia mesmo. Uma distância de dois mil metros. O tempo

tava muito feio. Onda muito grande e muito ventando. E aí a gente teve lá de manhã, umas cinco horas da manhã, eu busquei essas rede dele e trouxe pra terra. Aí depois, depois eu fui lá para o centro da aldeia, né. Passei lá na casa da minha mãe, né. E assim, de repente o tempo, ele deu uma acalmada, né? Ele deu uma acalmada, aí eu... falei não, eu vou... vou lá no mar colocar um espinhel, que é a grozeira, né? Que é uma corda cheia de anzol. Vou lá por pra ver se eu pego um mukuçui pra Mangutá. Aí cheguei aqui em casa, né... é... Assim de uma hora para outra eu decidi ir, i não acabei levando nenhum meio de comunicação. Já no costume de ir sempre e nunca te acontecido, né? Nenhum desse caso. E assim fui, né? Com a fé em Tupã, né? Porque sempre a gente pede ele, né? Que a gente vá em paz, que nada de mal aconteça, né? Com a gente que está dentro do mar, porque a gente sabe que... O mar ele dá e ao mesmo tempo ele tira, né? E quando resolve tirar a gente sabe que é um caso bem fatal e poucos escapam voltando da sua fúria, né? Aí liguei o meu acaribozinho, né? Que é o barco e fui, né?

Saí aqui no porto, né? Aí fui dando uma arrastada, né? Que a gente joga uma rede, né? Uma rede pra pegá camarão... Joguei dentro d'água e fui arrastando, né... E em destino à direção de Caraíva, né? Ao norte.

Chegando lááá, próximo ao um ponto de parada, que nós chamamos de Joanhina, né... Eu resolvi, é... puxar o Balão, né? Que é a rede de arrasto... é? E assim eu tava uma distância de mais ou menos uns mil metros fora da praia. Da quebrada da maré pru...pru centro aonde eu estava. E... assim que... eu comecei puxar o... a corda, né? Do balão, né? Eu vi que tinha acontecido alguma coisa, né? Porque o mar tava muito bravo, né? E o... assim... as ondas tava forte, né? De repente assim o mar embrabeceu... Deu aquele vento, né... Ao mesmo tempo era...o...vento sudeste, ao mesmo tempo era o leste, né? E assim, na nossa comunidade a gente tem que, sempre tem uma história, né? Se o vento leste enganou a mãe dele, imagina o resto, né? Então foi uns casos desse que... que aconteceu comigo, né? Assim que eu puxei uma das primeiras cordas, que são duas cordas, né... Assim que eu puxei a primeira corda, aí o leme do barco, né... ele saiu, né? O barco já estava desligado, aí ele saiu... né. E quando ele saiu, né... Aí eu terminei de puxar a outra parte do Balão e aí eu joguei o Balão em cima do barco. Aí eu fui lá no porão do barco, peguei uma corda mais grossa daqui eu tinha, e marrei na âncora e joguei dentro d'água. Aí eu falei: não... Porque já tinha acontecido dois casos desses, ná? Alguns dias antes, né? Mas porém o mar tava manso, né? Não estava ventando. E assim, eu conseguia colocar, né. Porém ele não saía por

completo. A gente só ti...Eu só tinha que cair dentro d'água e aí, né, suspender. Colocar um pau debaixo, aí suspendia e parafusava, né... E assim, e quando saiu ele saiu por completo, né? Que...num... mesmo ele caindo dentro d'água, né? Eu não conseguiria colocar, né? Nem que se tivesse mais outra pessoa, é... E assim, e esse... e esse momento aconteceu a partir dali entre uma e meia pra duas horas, né? E... e eu fiquei, comecei preocupar, né? Porque... assim, o que eu tinha falado pra minha jokana, é que eu iria dar uma arrastada e ia aramar essas grozeiras, né? Em direção ao Artim, né? Que é uma recife que tem próximo também à aldeia, né... E assim, a minha preocupação maior é que eu não sabia... basicamente a minha direção onde eu estava, né? Mas como estava de dia ainda, né? Eu pensava assim, de... Do tempo passar, né? Dá aquela calma, né? Tanto da onde quanto do vento, né? E eu iria... descer, né? Cair dentro d'água pra... Empurrar o lema pra cima, pra mim, fazer, né? A atividade que eu sempre... eu... fazia, né? Aí... só que... em primeiro momento não deu certo. E... Como não deu certo, aí...né? Aí eu, eu sempre ficava olhando, né... Pá praia, né? Pra ver se parecia alguém, né? Pra mim sinalizar, né? E... Mas a preocupação nem era tanto comigo, né? Preocupação mais mesmo era com meus familiares, e... E assim, a cada momento que o tempo ia passando, né? Assim, a gente ficava mais... Ansioso, né? Porque como eu tenho alguns... Eu... tenho alguns tio que tinha barco também na época, né? Aí falei: não, né? Até o entardecer eu acredito que essas pessoa que têm barco, né... E a minha própria família também vai sentir falta, né... E vai... né? Talvez mandar alguém atrás, né? Pelo menos ir na praia pra dar uma olhada. E assim... E aí... né... Eu fiquei ali, né? Imaginando, como que eu poderia, né? Fazer pra mim colocar esse leme, né? Já que... É... Não tinha como eu cair dentro d'água, né? E colocar ele eu sozinho. Porque a correnteza, com certeza...i... também iria me carregar, né? Então seria outro fato, né? Outro episódio que poderia ser mais trágico. Ou também a presença de algum peixe, né? Já que o tempo também estava muito bravo, eu também tava um pouco meio distante da... bem lá da praia. E... aí o tempo foi passando, foi passando, e... entardecendo, e nada de ninguém aparecer na beira da praia, nada de... nenhuma embarcação... E... né? Aí começou bater mais ou menos aquele desespero, né? Aquele desespero não por eu estar ali naquele momento, né? Porque é um momento que a gente não deseja pra nenhum... trabalhador, né? E o oceano como eu disse, né? Ao mesmo tempo que ele te dá, ele também tira. E... As vezes esses conhecimentos, né? Essa falta de conhecimento e que te leva a cair numa tragédia dessa. E assim... Aí, né? Eu tinha um pedaço de tábua, né? Dentro do barco. E... Eu falei: poxa. Como estou aqui sozinho, né? Eu vou criar alguma coisa aqui pra eu possa ir embora, né?

Aí... Eu peguei um pedaço de tábua, um pedaço de pau, amarrei, né? Aí não deu certo também... E assim... E... o mar, né? Tava jogando um pouco o barco pra praia, né? E assim, e aí... Na beira da praia era uma região que tinha bastante pedras, né? Aí... né... aí... Um ano, uns dois anos passado já tinha acontecido uma dessas tragédias comigo que eu tinha perdido de uma embarcação, né? Aí vinha na cabeça: poxa, será que eu vou perder outra embarcação? Né... Ou, será que eu vou me salvar caso esse barco dê na praia? Né? Porque... as ondas estavam sendo muito forte e com certeza eu não iria ter força suficiente pra mim nadar até um ponto que tivesse um barranco de areia, né? E... Por motivo do mar estar muito bravo. Aí foi chegando a noite, né? E... assim... E o vento daí pra lá ele não parou, né? O vento não parou e... e vinha com chuva, né? E assim... e... a cada momento que ia se passando eu falei? Poxa... Como eu não tinha levado nenhum meio de comunicação, né? E a embarcação também não tem luz né? Não tinha luz no momento, né? Uma iluminação... E eu não tinha nenhum meio pra... né? Sinalizar... Então, é... O que coube a mim era ficar ali, né... Ficar, e... tentar... Ficar o mais calmo possível, né? Mas sempre vinha na mente, né? Esse... O fato, né? Deu pensar sempre na minha família, né? Porque nós temos pessoas na minha família que sofre de hipertensão e poderia causar outro transtorno, né? Além do que eu estava se passando. E assim quando foi assim na faixa de assim umas oito horas, aí eu realmente perdi a esperança, né? Assim pra umas oito, dez horas eu perdi a esperança de alguém ir atrás. Porque como era noite, né? E quem fosse também atrás, né? Poderia ta se passando pelo mesmo momento que aconteceu comigo. E.. u... como o mar estava bastante bravo. E assim o meu medo maior era qui... nesse caso fosse atrás, i chegasse até eu, né? A outra embarcação não aguentasse transportar o barco até o porto. E aí poderia acontecer uma tragédia maior ainda. E assim... e... Passa hora, passa hora. E eu sem camisa, só de cueca mesmo. E assim, quando eu saía cá pra fora, não via jeito de nada. Só a zuada do mar e vento. É porque tinha momento era que nem terra dava pra você ver de tanta chuva. E... Eu falei poxa: eu pensei comigo mesmo, né? Agora eu vou tentar ficar o mais calmo possível. Tentar ficar o mais calmo possível. Para que não possa ocorrer nada de mau, né? E eu não tome nenhuma decisão precipitada, né? Porque até o momento o... o que se passava na minha mente era cair na água e nadar até terra. Mas aí eu pensava também, como tá um pouco meio distante com certeza eu não vou chegar até a terra, aí seria pior. Eu falei: não, vou ficar mais antes dentro do barco, né? E... Seja o que Deus quiser, né? Porque... pouco, mas o barco sempre ia descaindo mais um pouco pra próximo à praia. Aí teve até um momento que... a gente indígena, a gente tem muito essa

parte espiritual. E a gente acredita muito nos seres da natureza, né? E como assim eu sou uma pessoa católica, né? Eu sempre pedia aos santos, pedia ao Deus, né? Pedia aos espíritos da natureza, né? Que me dessem força naquele momento, né? E... sempre assim eu pedia para que nada de mau acontecesse, nem tanto comigo nem tanto com a minha embarcação. Até que de repente, né? É...apareceu um pássaro, né? E esse pássaro "eli... né? Dinoiti, né? Até hoje eu... Eu fico pensando, imaginando como que aquele pássaro ele apareceu até mim. Será que foi um espírito enviado por Deus? Eu acredito que sim, né? Aí então aquele pássaro, ele sentou né? Sobre a borda do barco, onde eu estava sentando também, acordado. Aí eu falei, né? Aí ele sentou ali comigo, aí ficou, né? Passava chuva, vento, chuva vento, chuva, vento e o pássaro estava ali presente. E falei: meu Deus, então sei que deve ser um espírito enviado pelo Senhor e que nada de mau vai acontecer comigo. E eu sempre pensava no espírito do Martim Pescador, né? Que é um dos espíritos, né? Que é um... que é um pássaro com corpo de homem, mas esse era um pássaro mesmo, né? Mas eu, eu acredito que esse era um espírito, né? Que... me protegeu naquele momento que... De sofrimento, Né? E assim... E... E eu a todo momento, eu entrava pra dentro do barco, saía pra fora, olhava e nada, olhava e nada... E assim... Pra embarcação realmente não dar na praia. Eu... Tinha momento que eu ligava o barco, Né? Tanto pá... Né? E ele... Tanto pra não a forçar muito a corda, né? A âncora. Quanto também pra me aquecer, já que eu não tava com nenhum tipo de vestimenta a não ser a roupa pessoal mesmo, né? Que era de sunga. E aí né? Quando foi láá pra base de umas dez pra onze horas. Aí eu pude perceber que...né? Aqui próximo ao porto, aqui em frente Biráí, né? Que é aonde os barcos fica ancorado.... Eu... Vi assim um... Uma claridade, né? Onde os parentes, né? Não só meus familiares, mas como pessoas também da comunidade, colegas, né? E outras pessoas também, né? Que estava presente nesse dia. Estavam na... na praia, né? Aí eles pegaram um monte de palhas e tocaram fogo, pra dizer realmente que eles tavam preocupados. E assim... Quando eu vi aquilo, né? A preocupação deles... Dos meus parentes, né? Aí eu fiquei mais preocupado ainda... A preocupação, né? E assim, eu sempre pedia a Deus pra que nada acontecesse de mau, né? E assim... E quando eu olhas assim, para aquele pássaro que estava junto comigo. Aquilo me dava mais força. E parece que falava assim pra mim ... que num era pra mim perder a esperança. Então aquilo me enchia de mais força, né? E de pensar positivo. Aí depois desse fogo. Na praia também quando passava a chuva. Eu podia ver algumas, né? iluminação também de moto, de moto de carro, né? E as pessoa vinha pela praia, ia até Caraíva, voltava...né? E assim... Sempre

clariava na minha direção onde eu estava, né? Que era em frente entre Juanninha e Malaca. Clariava, mas só que... a iluminação não dava pra pegar realmente aonde eu estava. E... o que eu fazia, né? Eu ligava o barco, né? Na potência maior que tinha, né? Pra tenta fazê barulho, e as pessoa podê perceber aonde eu estava naquele momento. Só que era uma coisa em vão. Porque... o barulho do vento ainda era maior ainda. Era maior... E assim... E a cada momento que se passava, o vento mais ingaim que ficava é o mar... Ficava mais zangado ainda. E as ondas, elas... Começaram a se elevar. E quando as ondas, elas cresciam, né... aí... Só vinha na mente que eu não sei se eu taria aqui hoje pra contar essa história. E... Aí, mais tarde, aí já mais de meia noite, eu... né? Meus familiares, meu tio... Mais tarde meu tio mais meu irmão...e algum colega também, né? Primo... Eles foram atrás, né? Mais... O atrás que eles foram, mais... assim... Foram sem direção, né? Porque, até o momento, quando eu tinha saído de casa, eu falei que eu ia em direção ao Artim..., porém que eu não estava em direção ao Artim..., eu estava bem mais próximo da praia... E assim, dava pra ver né? O...o... Não via a embarcação deles, mas dava pra ver a claridade de...da lâmpada, né? Que eles, eles estavam no barco, né? Eles andaram, né? Na direção mais fora. Depois foram até o Tatuacú. E lá por milagre de Deus também, né? Deus protegeu eles... Que não deram em cima da praia, das pedras, né? Se não... a preocupação ainda era maior. Eu pude perceber também quando eles passaram perto de eu assim numa... numa distância de uns quinhentos metro, onde eu ligava o meu barco pra ver se eles escutavam... né? E... E não tinha como escutar, né? Gritei umas duas vezes. Eles passaram bem próximo assim. Eu não tinha na... Eu praticamente, eu não tinha mais nada o que fazer. A não ser acreditar em Deus, que eu poderia estar aqui hoje ainda para poder contar essa história. E... Depois eu vi mais outro, outra embarcação, né? Assim a... Numa distância de uns... Mil metros, né? Ao leste. E assim, passou por fora, né? Era outro colega também da gente, né? Que... que morava no Bugigão, conhecido como Calzim...Né? Que também tava atrais, né? E eu acredito que naquele momento, quem estava em terra ainda estava mais preocupada ainda, né? Porque... Pra quem tava em terra. Do jeito que tava o tempo. E... Pouco tinha esperança, né? De... de quem estava lá, realmente sobrevivesse, né? Ou também já pensasse que já, já teria acontecido algo maior, né? De mau. Porque... O tempo tava feio mesmo. Feio, feio, feio que... Até o momento eu nunca... tinha passado por uma situação daquela. E assim... E quando deu um... a madrugada, essa faixa aí das duas, pra três horas... né... Na mente só vinha que o barco estava chegando próximo à praia, né? Próximo às pedras. Aí eu pensava: poxa... Se realmente eu der na praia. A tendência eu

só... o barco dá em cima de pedras, né? Em cima de pedras, e... E assim... Pra nadar a noite, né? É... não tinha como. Porque ia ficar até sem direção, né? Da distância da praia, né? De onde eu estaria. Já que... As ondas era forte demais. Ondas de uns quatro metros, três metros. Pra gente aqui seria uma onda muito forte. E assim.. E pela claridade que dava pra ver das luzes, né? Que.. Das casas de bem próximo ali, né? Ficava bem perto. Né e... Pra da, a embarcação. E a todo momento só eu pensava nisso, né? Devia... da na praia, vai dar na praia. E talvez eu num... O que passava na mente era que: poxa eu... Vai acontecer alguma coisa de mal comigo. E... E assim... E que talvez a gente não pudesse nem se despedir né? Da família... dos amigo... E assim... Eu agradeço hoje muito... A minha família, os meus colegas... A comunidade pela... preocupação, né. Porque... independente de qualquer religião, pelo o que depois, alguns deles me falaram, né? Eles rezaram, pedindo a Deus, né? Que nada acontecesse de mau com a minhas força.... Desse coragem, né? Então... Eu acredito que... Com isso... Eu... Sobrevivi. Pra contar o que o que to contando agora. E assim... Então a partir aí das quatro hora da manhã, né? Realmente... As pessoas, né? Eu vi as pessoas... de moto assim... Um moto, um carro passá, Né? Naquela anfliação, né? De... de procurar algum vestígio, né? Se tinha acontecido alguma coisa de mau ou não... Porque se o barco desse na praia, né? Alguns pedaços de, da táuba do barco, teria que dar na praia, então assim as pessoas realmente iria perceber se... que algo tinha acontecido de mau ou não. E assim... É... Aí... Lá prá umas quatro e meia da manhã, né? O tempo ainda todo fechado, né? A maré já uma maré de vazante ainda. Agora a maré começou a vazar e o tempo assim, fechou ainda mais. Que... não dava... Quatro e meia quando o tempo não está fechado, praticamente na aldeia já está de dia, e aí já dá pra genti ver terra e tudo. E... E não dava pra mim ver nada, né? E realmente eu ficava até perdido, porque eu não sabia nem que... que horas era. Que a genti tava a li... Parece que aí o tempo custa passá realmente. Tentava olhá pro céu, pra ver se aparecia algumas estrelas, pra genti ter mais ou menos alguma noção de que horas era. E... Com o amanhecer do dia é que realmente me encontraram, né? Me encontraram, e... E assim, Eu não num... Naquela anfliação né... Eu não sentia, vontade de... mangutá, não sentia vontade de beber água. Não tinha mais... Assim... Vontade de nada. A não se de realmente chegar em terra e ver minha família. Minha esposa, minha mãe, meus irmão, minhas tia, tios. E assim... E teve um momento, né? Até... dos meninos que estava presente, né? Na procura de mim. Né, que... Até eles perderam o... Né, aquela... Realmente perderam a coragem, assim, de falar: poxa, num tempo desse não tem como ninguém sobreviver. E assim, tipo já desistindo. E até mesmo o

cansaço, né? De quem tava ali. Eu... Era muito cansativo, né? A outra embarcação também sendo pequena, né? Então... Tudo isso, aconteceu, né? Teve... Meu irmão também que foi até Curuípe, né? Pra ver se via alguma embarcação de lá do alto de Juacema, mas na verdade não dava pra ver nada, a não ser a maresia do mar, vento... e chuva. Outros foram até Caraíva. Ligaram para a capitania dos portos de Porto Seguro, mais eles falaram que naquele tempo, com aquele tempo não tinha como ninguém saí de noite. Só tinha como saí di dia. Algumas pessoa também, parente meu, de Caraíva não tiveram como saí com suas embarcações...né? Não tiveram como sair com suas embarcações, né? Por motivos de ser boca de barra né... O mar estava bastante bravo. E... No amanhecer do dia, né? O... O primeiro socorrista, né? O primeiro pescador a chegar lá perto de mim foi o... Ita, né? Que é parceiro também de pesca. Onde ele chegou próximo a mim. Aí... Então, a partir do momento que eu pude perceber, né? Ouvir a zuada de uma embarcação na minha direção, que até o momento não dava pra ver a embarcação por motivo da chuva, né... Aí o que vinha na mente era... só aquela vontade de se emocionar, né? A emoção, né? Por... Graças a Deus não ter nada de mau acontecido. E que... Tinha chegado outra pessoa ali próximo a mim, né? Já que pelo uma noite que eu tinha passado. Uma noite de... de tanta aflição, né? Aí o que eu fiz. Eu liguei o barco, né? Puxei a âncora. Aí eu joguei a corda pra ele, ele amarrou no barco dele. Depois chegou o meu tio também... Tio Everaldo. Aí os barco, né? Chegaram três barcos. Ita, tio Everaldo e Nereu. Aí eles foram amarrando um barco no outro, né? Uma... um sobre o outro. Aí... Marram. Aí eu amarrei num meu barco. Aí eles foram me arrastando. Até... certo ponto, né? Eu vi que... né? A partir do momento que eles começaram a me arrastar, aí parece que o mar falou: não, é aqui que eu estou aqui, né? Aí o mar começou a embrabecer mais ainda do que já estava. Até que certo ponto, teve um momento que o... o leme de outro barqueiro, o de Ita, saiu. Mas... naquele momento a anfliação já estava passando, né? E o me deixou mais encabuloso é que aquele pássaro, ele só saiu do meu barco, depois que eu cheguei ao porto. Aí depois que eu cheguei no porto é que o pássaro, ele... sumiu, né? Sumiu assim de uma forma que... que eu não vi nem a direção, pra que direção ele foi, né? Porque até o momento eu só tinha ido mesmo, né? Desamarrar a corda, né... E atrancar o barco no mourão. Então quando eu olhei aquele pássaro já tinha desaparecido. Por isso que eu acredito que... foi Deus que mandou aquele espírito pra me proteger. Naquele momento que eu mais precisei... dele. E assim, quando que eu cheguei no porto, né? E que marrei o barco. A maré já estava bem baixa, né? E antes da gente entrar no porto, quase que o barco, o outro barco também...né... ia a naufrágio, né? Devido as ondas. Aí

quando eu vi aquele... tanto de gente na praia, né? Aí eu fiquei mais emocionado ainda. Porque... nenhuma daquelas pessoas que estavam presente ali eu acredito que conseguiram dormir à noite. Estava ali presente com... aquela intuição realmente... de que nada iria acontecer de mau. E como realmente não aconteceu. Por isso que eu sou muito grato a essas pessoas, né? Que se fez presente e que realmente acreditava, né? Que eu estava ainda vivo, né? Que oraram nas suas casas, nas suas igrejas. E... Quando eu cheguei em terra, né? Que eu pisei em terra firme, realmente... a emoção ainda foi maior. A emoção tão grande que... Algumas pessoas me perguntaram o que realmente tinha acontecido, que... E a genti fica até sem palavra de realmente tentar explicar uma coisa que é inexplicável, né? Porque... só deus sabe o que vai acontecer na vida de cada um. Em qualquer profissão que você esteja, em qualquer trabalho. E assim... Né? E, quando eu cheguei em casa, realmente não... não... assim... aquela coisa não passava na minha cabeça, né? Eu ficava pensando, né? Que eu fui mais um sobrevivente dessa mar, né? De muitos desse mar já levou, né? E... mesmo assim eu... não desisti, né? E não desisto, né? Do mar, porque... é dele que eu tiro meu sustento, né? Pra sustentar minha família. E... é uma profissão arriscada, né? ser pescador realmente. Mas quando a gente faz uma coisa de coração, é... supera... né? Muitas coisas, né? Basta... a fé ni Deus né? E que jamais a gente pode perder essa fé. E assim... E hoje eu sou grato, né? A minha família, né? E hoje a minha família já me dá outros conselhos, né? Em questão de tempo, essas coisas, né? Mas é o que eu sempre falo, né? É... Quando tem de que acontecer alguma coisa acontece em qualquer momento. Não importa se o tempo esteja bom ou ruim, né? Mas a lição que tiro desse, disso hoje é que... Jamais a gente pode duvidar da natureza, né? Porque... A qualquer momento ela pode revoltar contra você. E... E hoje eu... né? Eu sou uma pessoa mais experiente já na área da pesca, né? E o que eu puder evitar ao máximo, né? De... de sair com o tempo ruim, né? Hoje eu já tenho outra consciência, né? De não sair. Mais...né? A minha história... que aconteceu foi isso, né? É uma história que... Que é um fato. Que aconteceu, que jamais eu vou esquecer, né? Pessoas da minha família também... que viveu essa angustia, também jamais vai esquecer. E... No mais primeiramente agradeço a Deus, a minha família, né? Por acreditar, né? Que eu estaria bem a pesar de... De estar numa situação precária aí, né? De... de angustia. Não de sofrimento, né? Mas mais de desespero, né? Então... Eu agradeço muito a essas pessoas, né? Família, a Deus. E que... dizer que... A gente tá aí né? Táí... E que... sempre agora quando eu... saio eu sempre pedia, né? E peço ainda. Peço a Deus pra que nada de mau aconteça comigo, nada de mau aconteça com a minha embarcação, né? E quem vai

comigo, né? Vai... são e volte em salvo, né? Assim, nada de mau acontecer, a nenhum de nós. Sempre quando eu entro no mar eu peço isso a ele, né? Porque... O mar é... Já basta o nome, né? Mar. E... a qualquer momento ele pode... se revoltar, né? E quem está ali presente. Só quem mexe com o mar sabe realmente o perigo que é. Porque praticamente ali você não tem segurança nenhuma né? Deus me livre e guarde, uma embarcação vai pro fundo, você... Dependendo da distância, né? As vezes você não consegue nem sobreviver pra contar a história, né? Porque o perigo tá na água, né? Tanto o peixe quanto a própria correnteza, né? Então assim, são vários fatores que a gente têm que superar todos os dias. E... Jamais eu... desistirei do mar, né? Porque eu acredito que... Eu ando no mar é... dès dos meus quinze anos de idade, né? Desde quando meu pai mais meu tio mexia com... com rede, né? Que era num tempo ainda de canoinha, né? Que era feito do... com tronco de árvore, né? E hoje nós, e como nós temos uma embarcação motorizada, né? Isso nos facilita bastante, daí... E nos trás uma segurança ainda maior, né? Mais... a lição de vida que eu tiro é que... A gente sempre tem que conhecer um pouco mais, né? Em questão... do conhecimento tradicional realmente nosso, né? Principalmente as posições de ventos, né? Nossos meios de orientações, né? As estrelas, a lua... A própria água, né? Porque tudo isso indica o tempo para o pescador, né? E assim... Hoje eu já tenho um pouco desse conhecimento. Se na época eu soubesse desse conhecimento a mais do que eu sei hoje, eu acredito que eu não... não tinha, assim, passado por aquela situação. E é uma situação que a gente... jamais... é... que o próximo passe, né? Porque... ali é um meio, né? Da gente... tirar, né? A nossa sustentabilidade, né? De... Nosso sustento pra... alimentar nossa família. E no mais é isso.. Eu tenho a dizer, né? Sobre... esse fato que aconteceu, né? Comigo, né? No mês de... De Julho. No ano de dois mil de dezesseis.

12. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi proposto descrever e comentar aspectos da pesca tradicional do povo Pataxó da Aldeia Barra Velha de modo a evidenciar diferentes saberes relacionados ao mar, inerentes à atividade pesqueira tradicional Pataxó. Ao fazer essa descrição, queria mostrar a importância econômica e cultural da pesca na aldeia Barra Velha, contrastando quando possível o passado e o presente.

Considero que, mesmo com a mudança constante na cultura da pesca em Barra Velha, os pescadores guardam conhecimentos ancestrais que são passados de geração em geração, no sentido de não deixar os saberes adormecerem. Dentre esses conhecimentos, estão a prática de usar a natureza como o principal meio de orientação para organizar suas atividades de pesca no cotidiano. Dessa forma, os pescadores elaboram seus calendários naturais com que usam os conhecimentos por meio das observações das fases da lua, estações do ano, ventos, marés, pontos de referência naturais e assim por diante. Esses calendários ficam nas suas mentes e eles têm a responsabilidade de passar esses conhecimentos adiante, que, na maioria das vezes, acontece nos núcleos familiares. Uma pequena expressão desse conhecimento relativo à pesca foi elencada em forma de um vocabulário especializado, contendo 177 palavras. Longe de refletir todo o conhecimento lexical da atividade pesqueira, o vocabulário relativo à pesca tem o objetivo de ajudar a leitura do texto, quando um ou outro termo não puder ser compreendido.

Mesmo com a prática de usar a natureza como uma forma de se orientar, percebi que os pescadores, aos poucos, passam a se orientar também por meio de aparelhos tecnológicos, o que não é uma opção para a maioria dos pescadores, devido ao seu alto preço e por ser uma tecnologia ainda pouco acessível aos mais velhos. Mesmo com a entrada de novas tecnologias na aldeia, o que prevalece, como primeira opção, são os saberes sobre a natureza.

Outro aspecto abordado neste trabalho foi a importância econômica da pesca artesanal na aldeia Barra Velha, apesar de os peixes estarem escasseando ultimamente. Os pescadores ficam felizes com o que pegam, para manter o sustento de suas famílias e comprar alguma coisa. No entanto, para não faltar os seus pescados, eles têm suas organizações, cujo objetivo principal é preservar e tirar o sustento de modo consciente para que não falte para as futuras gerações.

A profissão de pescador na comunidade tem sido pouco visível aos jovens. Atualmente, eles demonstram pouco interesse em dar continuidade à atividade pesqueira. Muitos procuram outras profissões, pois acham que o trabalho no mar é muito cansativo e tem pouca produtividade. Por outro lado, percebi na pesquisa que as atividades de pesca sempre vêm sendo praticadas por poucas famílias e isso permanece até hoje, porém com um grau de desinteresse maior dos jovens. Com este trabalho, eu quero chamar a atenção das pessoas interna e externamente, de que a pesca merece uma atenção maior. O desinteresse dos jovens Pataxó pela pesca artesanal pode significar o abandono de um conjunto de saberes que são de suma importância para as diversas práticas sociais e para a afirmação cultural dos Pataxó no âmbito da pesca.

Acredito que este trabalho não termina por aqui. Pois os saberes dos Pataxó de Barra Velha sobre o mar não resultam somente no que foi mencionado no corpo do meu trabalho. O conhecimento é muito amplo e pode ser um tema para ser explorado em trabalhos futuros.

13.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. ARAGWAKSÃ: Plano de Gestão Territorial do Povo Pataxó de Barra Velha e Águas Belas. Brasília: FUNAI, 2012

CÂMARA, Antônio Alves. Ensaio sobre as construções navais indígenas do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976

GUEDES, Iricélia dos Santos. Pesca artesanal: pescadores Pataxó no território Resex. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.

HANLON, R.T.; MESSENGER, J.B. Cephalopod behaviour. Cambridge University Press, 231 p., London, 1996. In: LEITE, Tatiana Silva et al. UMA PROPOSTA DE MANEJO PARA A PESCA DO POLVO *Octopus insularis*, 2008

Seguro defeso 2018/2019. Disponível em < <http://salariominimo2016.blog.br/seguro-defeso>>.

Acesso em 12/05/2019

14.VOCABULÁRIO DO MAR

Andada dos caranguejos. Momento em que os caranguejos saem para se acasalar.

Angelim. Espécie de árvore usada para fazer canoas.

Aramar. Mesmo que enrolar. Expressão usada quando se enrola um arame em um anzol de pesca.

Aratu. Espécie de caranguejo que habita os manguezais. Uma das técnicas para atraí o aratu para o pesqueiro, basta assobiar.

Argaço. Algas marinhas.

Ariacó. Peixe que possui cores variadas em tons de rosa claro, vermelho claro, branca e listas amarelas. Esse peixe é muito apreciado na culinária Pataxó e seu mês de reprodução é no mês de setembro.

Aroeira. Árvore de pequeno porte muito utilizada na medicina tradicional do povo Pataxó. O fruto da aroeira é semelhante à pimenta do reino, e suas cores variam em tons de rosa e vermelho. Na atividade de pesca na Aldeia Indígena Pataxó Barra velha, tem pescadores que seguem o ciclo de reprodução da aroeira como um meio de orientação para pescar no mar. Segundo eles, o tempo em que a aroeira está madura é uma boa época para a captura do peixe conhecido por guaiuba. Na Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha, a aroeira está madura entre os meses de maio a junho.

Arraia. Mesmo que raia.

Arraia-gereba. Espécie marinha de arraia.

Arraia-jamanta. Mesmo que manta.

Arraia-manteiga. Espécie marinha de arraia.

Arraia-pintada. Espécie marinha de arraia. A coloração do corpo da arraia-pinta é escura (preta e cinza) com bolinhas branca.

Arraia-verde. Espécie marinha de arraia.

Artim. Pesqueiro ou ponto de pesca, conhecido pelos pescadores da Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha.

Atrancar. Mesmo que ancorar ou amarrar.

Awê. Dança indígena Pataxó. Ritual indígena Pataxó.

Baço. Corda amarrada encima do mastro e na extremidade da corda é feito um laço que dá para a pessoa assentar de tal modo que fique com os pés na beira da embarcação e com a bunda próxima da superfície da água com o intuito de fazer contrapeso para aprumar a embarcação. Essa prática é apropriada para embarcação à vela náutica como a canoa de madeira

Badejo. Peixe de escamas com coloração escura (marrom e cinza). De grande valor comercial, devido ao apreciado valor de sua carne.

Bagaceira. Aparecimento de muita sujeira no mar por causa de excesso de algas marinhas e de águas-vivas.

Bagre. Termo que se refere a várias espécies de peixes que têm como característica a presença de esporões ou agulhões nas laterais e no dorso que usam como defesa. Sua carne é apreciada, mas em geral não tem muito valor comercial.

Baiacu. Espécie de peixe que quando sente ameaçado por um predador ele incha o corpo.

Baiacu-pintado. Espécie de peixe que quando sente ameaçado por um predador ele incha o corpo. Este baiacú é venenoso e ele é comestível. Para preparar o baiacú requer alguns cuidados e uma vez não sendo obedecidos os cuidados a pessoa pode se envenenar e ir a óbito. A carne do baiacú tem pouco valor comercial.

Baloar. Expressão usada na pesca de camarão do mar. A embarcação vai puxando uma rede de pesca conhecida por balão, que vai pegando os camarões e outras espécies que ficam no fundo do mar.

Barba de rato. Nuvem perecida com a barba de um rato.

Barco. Embarcação a motor.

Barra. Embocadura de um rio que encontra com o mar.

Barriga d'água. Espécie de árvore empregada para a construção de canoas.

Bateira. Embarcação aquática de pequeno porte.

Bicheiro. Artefato de pesca apropriado para capturar animais marinhos que fazem suas moradias em loca. Exemplo: polvo e ouriço do mar.

Binquara. Espécie de peixe que habita lugares com pedras. A sua carne não é bem apreciada devido exalar odor desagradável.

Boca de barra. Mesmo que barra. Embocadura de um rio que encontra com o mar.

Boca-torta. Espécie de peixe comum na costa das praias.

Boi-tá-tá. Ser não humano que aparece em forma de tocha de fogo.

Boné. A cabeça do polvo

Búzio. Nome comum para os moluscos que são protegidos por concha longa e pontiaguda.

Cabeço. Termo usado para pedras que ficam submersas e afastadas umas das outras.

Cação. Peixe cartilaginoso e de couro. Sua carne tem muita aceitação na comunidade e bom valor comercial.

Caçueiro. Rede de pesca para pegar peixes maiores.

Caída. Termo usado para o tipo de pesca aonde a embarcação fica em movimento e a linha com o anzol vai no fundo da água acompanhando o movimento da embarcação. Esta prática é comum na pesca de linha de mão.

Café. Jato de tinta emitido pelo polvo para confundir o seu predador.

Calmaria. Momento em que há pouco vento. A calmaria atrapalha principalmente o pescador que usa embarcação a vela (náutica), que precisa de uma boa quantidade de vento para poder encher as velas, facilitando o retorno para casa, acaso esteja no mar. A calmaria também atrapalha o pescador a soltar suas redes de pesca no mar.

Camarão. Termo comum a diversos crustáceos, que tem diversas patas pelo corpo. Na parte da cabeça tem algumas antenas e patas fina que parece com uma barba. O corpo do camarão é lateralmente comprimido. A sua carne tem grande valor comercial.

Camarão-do-rio. Espécie de camarão que vive em água doce e quando chegam na fase adulta tem duas garras, semelhante a garra do escorpião.

Camarão-rosa. Espécie de camarão do mar.

Camarão-sete-barbas. Espécie de camarão do mar.

Camarão-vegê. Espécie de camarão do mar.

Canoa. Embarcação aquática que é feita com tronco de madeira.

Capanga. Espécie de caranguejo que habita os manguzais. Geralmente o capanga fica pendurado nas raízes da planta conhecida por mangue.

Caramuru. O mesmo que moreia. Espécie de peixe que habita as pedras (rochas) marinhas. O caramuru tem o corpo alongado como o corpo do peixe-elétrico.

Caranguejo-mole. Época em que os caranguejos estão mudando de casco.

Cavalo-marinho. Espécie de animal marinho que tem características da cabeça e crina de um cavalo.

Casaria. Parte que fica no convés da embarcação.

Cutia. Tipo de peixe sem valor comercial.

Corvina. Espécie de peixe comum em água salgada, salobra e água doce. O seu corpo é coberto por escamas com coloração prata claro e na parte da barriga costuma ter escamas com coloração rosa claro e amarelo claro. No seu corpo também tem listas escuras. Este peixe é popular no Brasil e tem valor comercial.

Cumbaca. Espécie de bagre de água doce. Bagre: termo que se refere a várias espécies de peixes que têm como característica a presença de esporões ou agulhões nas laterais e no dorso que usam como defesa. Sua carne é apreciada, mas em geral não tem muito valor comercial.

Curuípe. Praia turística que fica aproximadamente a dezoito quilômetros da aldeia Barra Velha.

Defeso. Em alguns meses do ano, os pescadores param as suas práticas de pesca para garantir o momento de reprodução das espécies marinhas, conhecido como defeso.

Desquadrar. Expressão referente ao aparecimento do disco lunar no céu.

Destorcedor. Artefato de pesca que impede que a linha se enrosque em seu eixo por causa do giro do anzol.

Emborcar. Tombar.

Escalado de peixe. Ato de cortar o peixe em fatia. Mesmo que fatiar.

Espinhel. Mesmo que grosseira. Tipo de armadilha composta de feixe de anzóis ligados a uma linha central com uma âncora em cada uma das suas extremidades para fixação no fundo do mar. Dessa linha central, sobe outra linha para a superfície com uma boia para sinalizar a localização da armadilha.

Fundado. Afundado. Parado no mar, ancorado.

Garapirá. O mesmo que tesoureiro. Ave que indica a chegada do temido vento sul, dentre outros ventos.

Gonçalo. Peixe avermelhado de olhos grandes sem valor comercial.

Goroçá. Espécie de caranguejo amarelado que habita as praias e faz sua moradia em buracos na areia. Os Pataxó empregam o goroçá como isca para pescar.

Governar. Conduzir uma embarcação.

Grozeira. Mesmo que espinhel. Tipo de armadilha composta de feixe de anzóis ligados a uma linha central com uma âncora em cada uma das suas extremidades para fixação no fundo do mar. Dessa linha central, sobe outra linha para a superfície com uma boia para sinalizar a localização da armadilha.

Guaiá. Espécie de caranguejo que habita as pedras no mar e é um dos alimentos preferidos do molusco conhecido por polvo.

Guaiuba. O mesmo que saioba. Espécie de peixe de água salgada que gosta de habitar os recifes de pedra do fundo do mar. Esse peixe tem espinhas e escamas. Suas cores são várias em tons de

rosa claro, rosa escuro, vermelho claro, branca e suas barbatanas são amarelas. Esse peixe é muito apreciado na culinária Pataxó.

Guaricema. Espécie de peixe que gosta de habitar os recifes de pedra do fundo do mar e gosta também de passear na superfície das águas marinhas à procura de alimento. Quando elas ficam na superfície da água, tem pescadores que gostam de capturá-la com a pesca de corrico. A guaricema é considerada um peixe de segunda categoria, no entanto, é muito apreciada na culinária Pataxó.

Imbiruçu. Espécie de árvore que fornece embira.

Ingaim. Bravo.

Jokana. Mulher em Patxohã.

Judeu. O mesmo que cumbaca. Espécie de bagre de água doce. Bagre: termo que se refere a várias espécies de peixes que têm como característica a presença de esporões ou aguilhões nas laterais e no dorso que usam como defesa. Sua carne é apreciada, mas em geral não tem muito valor comercial.

Juerana. Espécie de árvore adequada para fazer embarcação (canoa).

Kitoki. Criança em Patxohã.

Laçada. Laço ou nó.

Lancha. Tipo de embarcação a motor, geralmente feita em metal e usada para pesca e passeios turístico.

Lanchinha. Mesmo que lancha. Tipo de embarcação a motor, geralmente feita em metal e usada para pesca e passeios turísticos. Diminutivo de lancha.

Lanchinha de fibra. Embarcação de pequeno porte feita com material industrializado.

Lagosta. Espécie de crustáceo que tem o corpo lateralmente comprido e na parte da cabeça tem dois pares de antenas compridos. A sua carne é bem apreciada e tem grande valor comercial.

Leite ninho. Expressão usada para fim da vida. Perda dos pescados no mar.

Lenordeste. Tipo de vento.

Lobisomem. Ser não humano que tem figura de um homem.

Lual. Expressão usada para um tipo de ritual que é praticado na Aldeia Barra Velha toda vez que a lua está na fase cheia. Este ritual é conhecido por Ritual da Lua Cheia.

Mãe D'água. Ser não humano. Para os pescadores Pataxó, a Mãe D'água é um ser que protege as águas.

Mangutá. Comer em patxohã

Malha. O mesmo que rede, configuração dos fios da rede.

Manta. Mesmo que arraia-jamanta.

Mar de dentro. O mesmo que mar de fora. Expressão usada para quem pesca no alto mar.

Mar de fora. Expressão usada para quem pesca no alto mar.

Mar de terra. Expressão usada para quem pesca perto da costa das praias.

Maré baixa. Momento em que os recifes submersos ficam expostos temporariamente.

Maré cheia. Mesmo que maré grande.

Maré seca. Mesmo que maré baixa.

Maré de lançamento. Mesmo que maré de quebra. Maré que ocorre no terceiro dia em que a lua deixou de ser Lua Cheia ou Lua Nova. Segundo os conhecimentos dos pescadores de minha comunidade, é nesse período que é bom para pescar no mar, principalmente para pegar peixe com linha de mão, espinhel e rede de emalhe de fundo.

Maré de quebra. Mesmo que maré de lançamento. Maré que ocorre no terceiro dia em que a lua deixou de ser Lua Cheia ou Lua Nova. Segundo os conhecimentos dos pescadores de minha comunidade, é nesse período que é bom para pescar no mar, principalmente para pegar peixe com linha de mão, espinhel e rede de emalhe de fundo.

Maré grande. Acontece na passagem que a lua está cheia. Na lua nova acontece a maré grande também. Na maré grande tem muita correnteza, por isso impede de fazer alguns tipos de pesca. Neste momento é bom para pescar nas pedras das encostas das praias ideal para catar mariscos e moluscos.

Maré igual. Maré que ocorre dois dias depois da lua cheia e dois dias depois da lua nova. Para identificar a maré igual na lua nova, é só observar quando aparece o primeiro risco luminoso na lua. Nesse momento a maré é igual.

Maré morta. Acontece dentre as fases da lua quarto crescente e quarto minguante. Quando a lua está no meio do quarto certinho ela está morta. Tanto faz no quarto minguante ou quarto crescente. A maré morta tem pouca correnteza e por isso favorece alguns tipos de pesca como: a peca de pegar siri de raiz no mangue.

Marisco. Marisco é o termo que se refere a espécies marinhas como ouriço, rita-pedra, polvo, lula, lagosta, camarão, ostra e varias espécies de concha e de caranguejo. Geralmente os mariscos são encontrados no mares, manguezais e rios. Os mariscos são muito apreciados na culinária Pataxó.

Marisqueiro. Termo usado para as pessoas que gostam de catar marisco.

Mastro. Longa peça vertical em madeira ou metal, geralmente usada para sustentar a vela náutica.

Minhoca. Espécie animal que possui o corpo formato cilindro, alongado e composto por anéis. É comum encontrar a minhoca em solo húmido, principalmente, na beira de rios e brejos.

Molusco. Espécies de animais que não tem ossos e o corpo é mole. Exemplo: a lula e o polvo.

Monte Pascoal. Monte. Segundo a literatura, foi o primeiro monte que Pedro Alvares Cabral avistou quando chegou no atual Brasil.

Moreia. O mesmo que caramuru. Espécie de peixe que habita as pedras (rochas) marinhas. A moreia tem o corpo alongado como o corpo do peixe-elétrico.

Moreia-tim. Espécie de peixe que habita as pedras marinhas. É confundido facilmente com pedras. É um peixe venenoso e sua ferroada pode ser fatal.

Mukuçui. Peixe em Patxohã

Naufração. Perda de uma embarcação por afundamento. Isso pode acontecer em função de tempestade, ventos fortes, colisão com outra embarcação ou com uma pedra.

Nego D'dágua. Ser não humano que habita as profundezas das águas.

Oiticica. Espécie de árvore.

Ouriço. Espécie de animal que tem o corpo coberto por espinhos. É comum encontrar o ouriço em loca e fenda de pedra marinha.

Pacamum. Tipo de peixe que gosta de ficar enterrado no solo marinho das praias. Tem cor amarelada e é venenoso.

Pacuim. Pesqueiro ou ponto de pesca, conhecido pelos pescadores da Aldeia Indígena Pataxó **Barra Velha.** Neste pesqueiro não tem pedra. O solo é de lama e areia.

Panagem. Artigo de pesca relacionado a rede de malha.

Pano. Artigo de pesca relacionado a rede de malha. Por outro lado significa vela náutica.

Pano cheio. Vela náutica com volume de vento no sentido de empurrar a embarcação.

Pano de rede. Refere-se à rede de pesca.

Paru-branco. Espécie de peixe de água salgada que tem escamas pequenas com tons em prata claro e costuma apresentar listas preta pelo corpo.

Patioba. Planta que é o indivíduo jovem da espécie de palmeira conhecida como pati. A folha dos indivíduos jovens é muito usada para envolver peixes assados. A folha usada é retirada apenas de palmeiras jovens. As palmeiras adultas não fornecem folhas no formato desejado.

Peixe de cabeçaço. Termo usado para as espécies de peixe que gostam de habitar as pedras que ficam no fundo do mar. São considerados peixes de cabeçaço a binguará, o badejo, a guaiuba, o jabu, entre outros.

Peixe de recife de fora. Termo usado para espécies de peixe que gostam de habitar as pedras (recifes) que ficam no fundo mar. Essas pedras ficam mais distantes da costa, das praias, por isso o nome de recife de fora.

Peixe de verão. Época em que tem muitos peixes perto das praias. Isso acontece entre os meses de dezembro a março. São nesses períodos em que os pescadores gostam de pescar com rede arrasto de praia e rede de emalhe de fundo.

Peixe-pedra. Mesmo que moreia-tim. Espécie de peixe que habita as pedras marinhas. É confundido facilmente com pedras. É um peixe venenoso e sua ferroada pode ser fatal.

Pequi. Espécie de árvore. Serve para fazer canoa.

Peroá. Espécie de peixe de água salgada. Na Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha esse peixe não tem valor comercial.

Peroá de leste. Espécie de peroá muito comum quando sopra o vento leste.

Pescada. Peixe de água salgada e chega a pesar oito quilogramas. A sua carne é muito apreciada e tem valor comercial.

Pesca com balão. Tipo de pesca que é feita com uma rede em formato de cone que é atracada na embarcação a motor. Ideal para pegar camarão.

Pesca de corrico. Tipo de pesca com linha e anzol realizada com a embarcação em movimento. O anzol corre na flor d'água, para atingir peixes que nadam na superfície, como a sarda e a guaricema, por exemplo.

Pesca de linha de mão. A pesca de linha de mão é uma pesca em que o pescador tem o controle da linha na mão. Neste sentido, quando o peixe pega no anzol que fica fixado na linha, automaticamente a pessoa sente o peixe puxando a linha que está em sua mão. Neste tipo de pesca quando o peixe agarra o anzol no fundo do mar, tem pescador que conhece e sabem identificar o mesmo, porque os peixes tem o jeito diferente de se comportarem quando estão fisgado no anzol . Os artefatos mais comum usado na pesca de linha mão são: linha de naylon , chumbada, anzol e destorcedor.

Pescado. Termo usado para produtos capturados na pesca como peixes e mariscos.

Piaçava. Espécie de palmeira cuja fibra tem muitas utilidades, como para cobertura de casas e fabricação de vassouras.

Pindaíba. Pesca com vara.

Piracema. Caminhada que os peixes fazem para procurar um lugar adequado para sua reprodução. No momento em que acontece a piracema, é comum ver grandes cardumes de peixe subindo rio acima que é a direção que muitas espécies de peixes procuram para pôr seus ovos.

Pocar. Termo usado para direcionar a alguma coisa.

Polpa. Parte traseira de uma embarcação. Também conhecida por popa.

Quarta de vento. Ventos intermediários.

Quebrada de maré. Mesmo que maré de lançamento. Maré que ocorre no terceiro dia em que a lua deixou de ser Lua Cheia ou Lua Nova. Segundo os conhecimentos dos pescadores de minha comunidade, é nesse período que é bom para pescar no mar, principalmente para pegar peixe com linha de mão, espinhel e rede de emalhe de fundo.

Quisá. Tipo de raiz que é comestível e em alguns lugares é conhecido por inhame. A casca do quisá tem semelhança com a casca de algumas raízes de mandioca. No presente, o quisá não é muito apreciado na Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha.

Raia. Mesmo que arraia.

Raieira. Tipo de rede de emalhe que retém o peixe na malha. Esta rede é adequada para pegar o peixe arraia ou raia.

Recife. Pedras que ficam em pouca profundidade ou aparecem ligeiramente quando a maré está baixa.

Rede de emalhe de fundo. Termo utilizado para a pesca com rede de espera, geralmente em lugares profundos do mar e de rios. Nesse tipo de pesca é necessário o uso de âncoras para que as redes fiquem presas próximas ao solo marinho, que é o lugar em que muitas espécies procuram seus alimentos.

Rede raieira. Mesmo que raieira. Tipo de rede de emalhe que retém o peixe na malha. Esta rede é adequada para pegar o peixe arraia ou raia.

Rede tainheira. Apetrecho de pesca feita com linha de naylon, chumbada, corda e boia. O seu formato é todo em malha, semelhante a uma teia de aranha. Geralmente essas redes são encontradas em casas de pesca e suas malhas variam de tamanho, de três a três centímetros e meio. As malhas têm como objetivo enrolar e prender os peixes e outros animais aquáticos. Essa rede é bem utilizada para pegar o peixe tainha, por isso que se usa o nome de rede tainheira. Na

confeção dessas redes, tem algumas técnicas, acaso elas sejam desobedecidas, a rede pode ficar defeituosa e não pegar o peixe.

RESEX. É a sigla de Reserva Extrativista. Unidade de conservação de uso sustentável.

Robalo. Espécie de peixe que é comum no mar, manguezal e rios. Este peixe tem escama com coloração prata claro e cinza. Tem uma linha preta na lateral de seu corpo e tem nadadeiras amareladas. A sua carne é bem apreciada e tem valor comercial.

Rita-pedra. Espécie de marisco que se protege por uma estrutura de cálcio e com ela se fixa em pedras, cascos de tartaruga e de embarcações.

Saioba. O mesmo que guaiuba. Espécie de peixe de água salgada que gosta de habitar os recifes de pedra do fundo do mar. Esse peixe tem espinhas e escamas. Suas cores são várias em tons de rosa claro, rosa escuro, vermelho claro, branca e suas barbatanas são amarelas. Esse peixe é muito apreciado na culinária Pataxó.

Samucanga. Espécie de peixe de água salgada que gosta de habitar ambientes marinhos em solo arenoso e lameado. Na aldeia Indígena Pataxó Barra Velha, a época adequada para pegar a samucanga é no verão. Esse peixe tem escamas pequenas e barbatanas em amarelo ouro. Ele tem seu apreço na comunidade e é excelente para fazer moqueca na folha da patioba.

Sarda. Peixe de coloração branca com pintas azuis, muito aceita pela comunidade e de bom valor comercial.

Sartiado. Termo relacionado à distância.

Saioba. O mesmo que guaiuba. Espécie de peixe de água salgada que gosta de habitar os recifes de pedra do fundo do mar. Esse peixe tem espinhas e escamas. Suas cores são várias em tons de rosa claro, rosa escuro, vermelho claro, branca e suas barbatanas são amarelas. Esse peixe é muito apreciado na culinária Pataxó.

Samburá. Artefato de pesca para colocar ou guardar peixe.

Sauara. Espécie de peixe de água salgada e gosta de alimenta-se de crustáceos. Sua carne é apreciada na culinária Pataxó.

Siri. Espécie de caranguejo que habita os mares e manguezais. Tem dez pernas no seu corpo sendo que duas delas têm pinças afiadas.

Sonda náutica. Aparelho digital que marcar a profundidade das águas e identifica pedras no fundo do mar.

Tainheira. O mesmo que rede tainheira. Apetrecho de pesca feita com linha de naylon, chumbada, corda e boia. O seu formato é todo em malha, semelhante a uma teia de aranha. Geralmente essas redes são encontradas em casas de pesca e suas malhas variam de tamanho, de três a três centímetros e meio. As malhas têm como objetivo enrolar e prender os peixes e outros animais aquáticos. Essa rede é bem utilizada para pegar o peixe tainha, por isso que se usa o nome de rede tainheira. Na confecção dessas redes, tem algumas técnicas, acaso elas sejam desobedecidas, a rede pode ficar defeituosa e não pegar o peixe.

Tatuaçu. Nome dado a uma pedra que tem nas imediações da aldeia Barra Velha. É conhecida como pedra de Tatuaçu.

Terral de norte. Tipo de vento.

Tesoureiro. O mesmo que garapiá. Ave que indica a chegada do temido vento sul, dentre outros ventos.

Topar. Remar.

Tralha. Parte inferior e superior da rede de pesca. Exemplo: rede de emalhe, rede de arrasto de praia, balão de pesca, e outros.

Vela. Artefato feito em pano, lona e linha de naylon ou algodão que tem como objetivo empurrar a embarcação. Essas velas são movidas a vento.

Vela náutica. Mesmo que vela. Artefato feito em pano, lona e linha de naylon ou algodão que tem como objetivo empurra a embarcação. Essas velas são movidas a vento.

Vento leste. Nome dado a pequenas tempestades passageiras que são mais frequentes no mês de agosto. Quando acontecem esses tempos de leste, os pescadores falam que acontece muita bagaceira. A Bagaceira é o aparecimento de muita sujeira no mar em função de muitas algas marinhas e água viva.

Vento noroeste. Vento que dura poucas horas e é muito violento. Na sua passagem, ele costuma devastar o ambiente, derrubando árvores e telhados de casas.

Vento sul. Vento que sopra do sul. Quando o vento sul está enfurecido, muitos pescadores resguarda a passagem dele em suas casas. No entanto, tem pescadores que acreditam que o vento sul favorece a pesca dos peixes que vivem nos manguezais. Na minha aldeia, o vento sul passa no inverno. Acaso esse vento aconteça no verão, é uma surpresa para as pessoas da comunidade.

Vento viração de fora. Termo usado para o vento que sopra do leste e vai em direção ao oeste, sentido do mar de fora para o mar de terra. Ele é um vento calmo e bom para navegar com embarcação a vela (náutica).

Vento Terral. Vento que sopra do oeste e vai em direção ao leste, sentido do mar de terra para o mar de fora. O Vento Terral é conhecido por esse nome porque ele traz cheiro de terra molhada. Esse vento é ideal para navegar com embarcação a vela (náutica).

Zoadá. Termo usado para barulho ou ruído forte.